



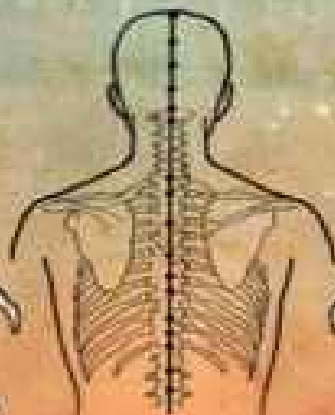
J.P. CUENCA

O ÚNICO FINAL FELIZ

PARA UMA HISTÓRIA DE AMOR



EU M ACIDENTE



COMPANHIA DAS LETRAS



AMORES EXPRESSOS



J. P. CUENCA

O único final feliz para uma história de amor é um acidente



J. P. CUENCA

愛の物語の唯一の ハッピーエンドは 事故である



Não posso vê-la esta noite

Tenho que desistir

Então vou comer fugu

Yosa Buson (1716-83)

1.

Antes do sr. Atsuo Okuda abrir a caixa, tudo estava escuro.

Mais que isso: não havia nada para ser iluminado antes do sr. Okuda abrir a caixa. Se o sr. Okuda nunca houvesse aberto a caixa, nada existiria. O mundo só começou a partir do momento em que o sr. Okuda abriu a caixa e disse a palavra. Ele disse: Yoshiko.

E Yoshiko ficou sendo o meu nome.

Depois que o sr. Okuda disse Yoshiko, eu ganhei, além de um nome, muitos começos e um fim. Eu começo na ponta dos meus dedos, nos fios dos meus cabelos, na planta dos meus pés, nos bicos dos meus peitos, na pele que cobre o vazio que há no meu corpo e em toda a superfície que me faz ser quem eu sou. Não poderia ser outra porque tenho esse corpo, e só eu tenho esse corpo, e eu sou esse corpo.

E o meu fim com esse corpo é um só: servir ao sr. Okuda.

O sr. Okuda é o meu mestre, mas não é o meu criador. O meu criador é a Luvdoll Inc., localizada em 4-5-28 Nishi-Kawagushi, na cidade de Kawagushi, província de Saitama. O meu criador seguiu as instruções detalhadas do sr. Okuda, sob a ordem de encomenda número 2358B. A ordem de encomenda número 2358B, reproduzida em cinco vias que circularam por sessenta e cinco dias pelos diferentes departamentos da Luvdoll Inc., dizia que eu deveria ter olhos castanho-escuros (Pantone 4975C), pele aperolada #5, seios modelo senoide 220 g com 92,5 cm de diâmetro, umbigo com 0,8 cm de profundidade e vagina extrapequena #2, com pelos púbicos em corte vertical, profundidade de 8 cm e 4 cm de circunferência.

Outros detalhes foram adicionados em conversas entre o sr. Okuda e a Luvdoll Inc., pois o sr. Okuda foi extremamente detalhista em seus

pedidos, e isso fez com que a Luvdoll Inc. estabelecesse novas variações na sua linha de produção. Entre outras minúcias inéditas para a Luvdoll Inc., o sr. Okuda desenhou com detalhes a curvatura dos meus pés, a espessura dos ossos das minhas clavículas e dos quadris.

O sr. Okuda queria que meus ossos fossem salientes, e assim eles são.

O sr. Okuda em nenhum momento se identificou para a Luvdoll Inc. E pagou pelo projeto personalizado a quantia de cinquenta milhões de ienes, o que me faz ser a boneca mais cara já produzida no Japão.

O sr. Okuda é um poeta conhecido e anunciou que parou de escrever há muitos anos. Isso é mentira, porque o sr. Okuda recita poesias para mim, dizendo que poderia ter pago por mim muito mais do que a quantia de cinquenta milhões de ienes, porque eu sou perfeita, e, porque eu sou perfeita, sou também a única pessoa com quem o sr. Okuda compartilha a sua poesia. Isso o sr. Okuda também me contou num poema que ele escreveu entre as linhas de outro poema.

O sr. Okuda só se dirige a mim em versos.

O sr. Okuda não precisa recitar os versos para que eu os entenda. Eu sei o que ele quer dizer quando olha para mim. Recebo ordens através do seu silêncio porque eu sou esse corpo e esse corpo tem apenas um fim, que é servir ao sr. Okuda, nem que seja ouvindo suas poesias sobre a minha perfeição, sobre os ciprestes numa estrada de Shikoku, sobre o canto dos pássaros ou, ainda, sobre a poesia em si, tema muito caro ao sr. Okuda, que ele também infiltra entre as linhas de outros poemas, e entre essas linhas ainda traça outros poemas sobre muitos outros assuntos, alguns que eu mal posso compreender, e assim os poemas e as linhas dos poemas se multiplicam e se intercalam até o infinito, e através delas o sr. Okuda me faz enxergar não só os belos sentimentos que tem por mim como também o mundo exterior, e o que está sobre ele e abaixo dele, porque eu nunca saí ou sairei de casa, esta que é a minha casa e também a casa do sr. Okuda.

E, pensando melhor, na verdade a minha casa, a minha única casa, é

o sr. Okuda. Ele-mesmo.

2.

Abaixo do reflexo das luzes avermelhadas no asfalto úmido, o submarino noturno navega pela fundação dos edifícios, entre cabos de eletricidade, túneis de esgoto e metrô. As peças desse navio submerso são grampos em telefones, câmeras e microfones escondidos em quartos e espelhos de fundo falso em banheiros por toda a cidade. Nossos homens-rãs, funcionários que registram o movimento de quem merece ser observado, têm habilidade para arrombar caixas de correio ou perseguir qualquer um pelo tempo que o sr. Okuda julgar necessário.

Esses equipamentos alimentam os monitores e as caixas de som de uma pequena sala no porão da casa do meu pai, chamada por ele de Sala do Periscópio. É a peça principal do seu posto de observação anônimo. Visto da porta, o conjunto de televisores empilhados parece o olho de uma mosca gigante.

Isso é o que aprendi a vida inteira com meu pai, o sr. Atsuo Okuda: a olhar. Olhar e ser invisível.

Como os dias são cada vez mais longos para o sr. Okuda, e o velho sonha abraçado à boneca Yoshiko quase o tempo inteiro, a tarefa de operar o Periscópio vai ficando sob minha responsabilidade. É a minha herança, ele diria. “É o que vai sobrar de mim, mais do que os meus livros”, ele diria.

O Periscópio do sr. Lagosta Okuda, minha herança, não funcionaria sem a ajuda do sr. Suguro Shibata, professor da Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji. O sr. Suguro deve favores a meu pai e, além de tudo, é regamente pago para fornecer fugus selvagens e fazer todo o serviço sujo de espionagem. Palavra, aliás, que meu pai detesta — ele prefere chamar essa atividade de “observação”.

Vi Suguro Shibata uma única vez, quando criança, há quase trinta anos.

Dele, só me lembro do cheiro. O sr. Shibata cheira a alga podre.

Se apenas vi o sr. Shibata uma vez, isso não significa que eu não tenha sido observado por ele em incontáveis ocasiões nas últimas décadas. Empilhadas nos armários da Sala do Periscópio, estão milhares de fitas em Betamax, VHS e depois discos prateados de DVD com imagens da minha vida, da adolescência até o instante em que terminará esse relato. Me acostumei com essa vigilância desde cedo — aprendi a vigiar sendo vigiado por meu pai.

Descobri a Sala do Periscópio no porão alguns anos depois dos meus sentidos começarem a perseguir as mulheres. Nela, organizadas por data e hora, estão gravações clandestinas dos meus primeiros encontros sexuais em motéis de Shibuya, e também de conversas, discussões e reatamentos em jantares, passeios e tardes da minha adolescência.

Com o tempo, embarquei no submarino com meu pai e juntos passamos a navegar atrás do nosso objeto de estudo pela cidade das pessoas invisíveis, pela cidade onde gente de toda a nossa grande nação japonesa vem para ser esquecida, pela cidade assimétrica que carrega em si todas as outras e nenhuma delas.

Nesses momentos, o sr. Lagosta Okuda diz em seus sonhos palavras que entram nos meus:

— Um dia você entenderá que o único final feliz possível para uma história de amor é um acidente sem sobreviventes. Sim, Shunsuke, meu estorvinho, meu pequeno fuga idiota: um acidente sem sobreviventes.

3.

O trem para.

A paisagem que vemos pela janela deixa de ser um desconjunto de traços horizontais para se congelar em contornos iluminados por trás da chuva. Ao lado do pontilhão por onde passa a linha Yamanote, há uma muralha de edifícios e galerias comerciais. No topo de tudo, um grande outdoor anuncia sopa em tubos de neon. O único conjunto de janelas sem cortinas fechadas ou vidros escurecidos é o do quinto andar no edifício curvo à direita. Ali, um grupo de pequenas bailarinas ensaia uma coreografia no centro da sala, enquanto outras alongam as pernas numa barra de metal. O movimento das meninas é tão *puro* que penso em cutucar o seu ombro e compartilhar as bailarinas com você. Mas o caminho da minha mão até o seu corpo é interrompido pela explosão.

O estrondo começa com uma nota aguda na frente do carro que nos atravessa como uma katana afiada. À medida que o impacto avança pelas cadeiras e seres humanos, o grunhido do metal distorcido ganha um tom grave. A alteração é súbita: onde antes havia sentido de continuidade e ordem, agora há entropia. O primeiro a ser capturado pela onda de choque é um adolescente que digita algo num telefone. A seu lado, um calombo cinzento perto da porta que conecta os vagões surge e acumula forças, como um peixe guardando ar para logo depois explodir, expondo garras afiadas que tomam o jovem pelo tronco, perfurando seu corpo. Numa rápida guinada, os dentes de metal o levam até o teto. O sangue do rapaz espirra no rosto do casal de velhos sentados à frente. Antes que tenham tempo de reagir, são engolidos por uma parede sólida que toma a parte esquerda da composição.

Essa gelatina de restos humanos, pedaços de ferro e plástico avança aos poucos, acumulando outros corpos e objetos, num ciclone cor de chumbo

com franjas vermelhas. O grunhido metálico se une ao estalar dos crânios. *São como uvas maduras, Iulana.* O piso da composição se retorce, seu teto se transforma numa ladeira íngreme. E agora somos nós que começamos a alçar voo, suspensos pelo chão, capturados por uma onda prestes a rebentar. Os apoiadores de braço balançam como se estivéssemos num terremoto, os monitores de cristal piscam erráticamente antes de serem sugados pelo vórtice de destruição. *As coisas estão acontecendo, Iulana.*

Logo não ouviremos mais nada. Só haverá silêncio e frio quando o caos ganhar a metade do vagão. A onda está quase em nós. O “acidente”, como *eles* chamarão o que acontece aqui. Sinto-me superior, posso dizer assim, porque *eles* não sabem de nada. *Eles*, que agora entram e saem de Tóquio em trens iluminados e que são ingeridos, processados e expelidos todos os dias pelos canais desse animal de concreto e eletricidade. *Eles*, que ignoram completamente o que acontece aqui enquanto ganham elevadores, calçadas, túneis, escadas rolantes, esteiras automáticas, plataformas, os longos corredores subterrâneos das estações, e que não interromperão seu perpétuo movimento com a nossa pequena tragédia. *Eles*, que talvez em algumas horas saibam da nossa história, o “acidente”, como chamarão o que acontece agora, e que ficarão comovidos e temerosos ao ver a nossa notícia na televisão da cozinha enquanto tomam café amanhã cedo — e confesso que amanhã já me parece uma palavra e uma ideia absurda. *Eles*, que vão pensar na morte por um breve instante para depois esquecer o assunto e voltar a andar pelas ruas até os seus trens, como se nós não os aguardássemos em algum ponto fixo do futuro. *Eles*, que jamais poderão compreender tudo o que acontece aqui. Porque há algo nesse vagão que é irreproduzível e sublime.

Ainda assim, tentarão passar a história adiante. Imagino as manchetes do jornal, talvez a fotografia dos nossos restos mesclados na linha. Pouco sobrar, terão que fazer exames de DNA em pequenos pedaços de carne e ossos calcinados. Me imagino remexendo nossos cadáveres, como um desses funcionários, e penso que eu seria incapaz de trabalhar com medicina legal — não sei se é por causa desse momento de urgência, mas até agradeço pelo emprego miserável que tive nos últimos anos. Ele me faz lembrar de todos os

que não estão nesse vagão — da mesma forma como nós, em breve, tampouco estaremos no mundo. E posso até ver o rosto do sr. Lagosta Okuda, e penso com alguma culpa que deveria tê-lo visitado antes, e prestado honra à urna de minha mãe dentro de Yoshiko, manufaturada em Kawagushi, província de Saitama, segundo as mais detalhadas ordens de meu pai.

E penso em você, Iulana Romiszowska, em seus dedos grossos e panturrilhas sólidas, e no longo caminho que todas as partes do seu corpo percorreram da Polônia à sua infância na cidade portuária de Constanta, à beira do mar Negro, na Romênia, até que seus olhos grandes, redondos e azulados encontrassem o monstro iluminado de Tóquio, e, não sem espanto, a mim mesmo — e apenas gostaria que nesse momento você também pensasse em mim, sabe lá como. *Sinto uma paz estranha, Iulana.* Como se estivesse mergulhado sob a superfície de algo novo. Sei que quase já não estou aqui, o que me traz uma sensação de nostalgia imediata como se estivesse reconstruindo um sonho, caminhando no meio de um longo *déjà vu* ao mesmo tempo que o caos disforme de aço e carne moída galopa em silêncio na nossa direção. O escuro se apropria de tudo, como se tomasse de volta algo que sempre foi seu. *É tudo muito natural, Iulana.* Vemos essa onda com calma indiferença, apesar da certeza do fim próximo — ou por causa dela.

Quando você finalmente vira seu pescoço para mim, nossos olhos se encontram num ponto vazio. E antes que eu tenha tempo de tocar seu ombro para compartilhar as bailarinas que dançam com vestidos brancos no quinto andar do edifício curvo à direita, abaixo do grande outdoor que anuncia sopa em tubos de neon em contornos iluminados por trás da chuva, antes que tudo se vá daqui e o silêncio tome conta dos nossos olhos, você ainda terá tempo de dizer o meu nome, pela primeira vez você dirá o meu nome, Iulana Romiszowska, pela primeira vez o meu nome com a sua voz noturna.

Através da janela do café, vemos Misako chegar vestindo um sobretudo branco que cobre suas pernas até a metade do tornozelo. Os botões do casaco são dourados, assim como os detalhes das botas de salto alto, as unhas e o tom geral da maquiagem. Conforme Misako caminha, seu longo rabo de cavalo acompanha o ritmo de seus passos num movimento pendular. A porta se abre. Carregada de sacolas, ela aterrissa na cadeira fazendo barulho.

Nos últimos meses, Misako tem parecido mais uma puta *ko-gal* do que uma mulher.

Ela une a palma das mãos entre as coxas finas e fica em silêncio, respondendo as perguntas sem demonstrar interesse. O lugar, uma imitação barata de café parisiense com as paredes falsamente envelhecidas, toca em seu sistema de som uma coletânea da Edith Piaf repetidas vezes — sei porque esperei a *mademoiselle* por mais de uma hora.

As janelas não conseguem impedir que o barulho de sirenes, carros e telões de Shinjuku invada o ambiente. O inferno de Tóquio alcança toda parte.

Misako acende o cigarro de filtro longo, dá uma longa tragada e sopra a fumaça da boca num jato diagonal ao meu rosto.

— Não vamos mais nos ver.

E apaga o cigarro recém-aceso, voltando a unir as mãos entre as coxas.

Minutos antes, eu estava pensando que não queria mais essa mulher e maquinava como dizer isso a ela sem causar escândalo. Mas quando Misako disse: “Não vamos mais nos ver” foi como se um precipício tivesse se aberto na mesa do café. Tudo o que me desagradava nela, como seus atrasos e vontades, o dourado, as unhas falsas, a mania de retocar a maquiagem em público e o ar geral de vagabunda preguiçosa e oblíqua voltou subitamente a parecer excitante.

— Quem é? — Pergunto, não sei sob qual inspiração estúpida, e ela desconversa acendendo outro cigarro. Levanto-me, vou até o caixa e pago a conta. Abro a porta de vidro e saio.

É a última vez que veremos essa mulher.

Seria de se esperar que o fim me causasse algum pesar, mas, caminhando de volta à estação pelo ar imóvel da tarde quente, não sinto nada. Talvez um pouco de excitação por Misako, agora uma mulher desimpedida como ela era quando a conheci. Penso, então, em reforçar o conjunto de câmeras ocultas no apartamento de Misako, com alguns novos aparelhos no banheiro e ao lado da cama — não seria difícil, ainda tenho a chave e sei seus horários. Eu poderia mandar algum telegrama ao meu pai. O sr. Lagosta Okuda certamente me ajudaria a levantar fundos para ampliar a operação do submarino. Assim, poderíamos vê-la com seus novos namorados em ação na Sala do Periscópio.

Esse pensamento me excita profundamente e, antes de pegar o trem de volta para casa, entro num *soapland*, onde compro meia hora de uma chinesa de pés grandes. No meio do banho, não sei bem por quê, a mulher se aborrece comigo e começa a grunhir como um pato cantonês. Para calar a boca da infeliz, dobro o pagamento.

E dou a ela o endereço e a chave da casa de Misako.

5.

Os trilhos do metrô uivam sob nossas cadeiras. Ao meu lado, duas estudantes se encaram pelos reflexos das janelas do trem. Estão apaixonadas pela própria imagem, como se o reflexo tivesse autonomia e fosse responsável por movimentar seus corpos fora do espelho. Quando cansam de se olhar, tiram da bolsa uma máquina digital e mostram uma para a outra as fotos no pequeno visor de cristal líquido. Cochicham. Nas fotos, um casal comemora alguma coisa num restaurante coreano.

Para mim, uma foto de família é uma aberração. Não tenho a foto de ninguém em casa. Nunca guardei a foto de qualquer ser humano.

Fotos fazem sentido numa propaganda, para anunciar e vender um produto qualquer. Mas não para guardar a lembrança de alguém — ou ocupar o espaço da sua ausência. Uma fotografia é uma manipulação *anormal*: dentro dela o tempo não existe. Essa máquina tem a forma de uma lâmina fina e retangular que viaja na velocidade da luz. Mas as lembranças *devem* sofrer a ação do tempo.

No entanto, como diria o sr. Okuda, esse é o meu ramo: aprisionar imagens. Sou um dos carcereiros. Trabalho como financista de uma corporação que fabrica filmes e câmeras. O prédio que é a sede do nosso departamento, responsável pelos filmes fotográficos, fica em Kayabacho, um bairro sem graça de Tóquio. O departamento está sob forte pressão, e muita gente foi demitida nos últimos anos.

Devo ser um dos próximos.

A sra. Hiroko Okuda sempre dizia: “Guarde dinheiro, Shunsuke! Meu filho, a vida pode piorar!”. Quando ouvia esse tipo de lamúria, o sr. Okuda dizia: “Esse estorvo não sabe o que é uma guerra, nunca passou fome, então é bastante simples: não guarda nada! Gasta tudo o que ganha com coisas que

nunca mais vai usar”.

Coisas como Misako, eu diria.

Não me preocupo como fazem meus pais ou meus colegas: às vezes não tenho certeza se sou eu quem está ali doze horas por dia. É como se não estivesse. Quem trabalha e se preocupa com isso é outro sujeito — quando enxergo meu reflexo nas janelas do escritório, custo a me reconhecer.

Com as digitais, pouca gente ainda usa filmes. Aprisionam obsessivamente suas imagens do passado em código binário, dentro de memórias flash e computadores — hoje em dia só vendemos filmes para poucos fotógrafos profissionais e amadores dedicados. Por isso, tirando a pressão ao redor dos nossos pescoços, ameaçados pelo *downsizing*, e o meu trabalho burocrático de planilhas e relatórios, pouco se passa dentro do edifício espelhado. O trabalho é alienante, e o mundo fora dele também. Ainda assim, depois do expediente, acontecem coisas. Que, no início, parecem me libertar.

Até que eu descubra que são formas diferentes de alienação.

6.

A mulher que iria suceder Misako é uma caucasiana cinco anos e treze dias mais nova que eu, com olhos e cabelos claros — verdadeiros, ao contrário de Misako. A mulher que iria suceder Misako é muito alta, tem a pele rosada, olhos grandes e redondos de cavalo. A mulher que iria suceder Misako tem peitos inflados como balões de gás. Os dedos dos pés da mulher que iria suceder Misako são grossos, as panturrilhas da mulher que iria suceder Misako são sólidas. Tudo na mulher que iria suceder Misako é grande, menos o nariz e as orelhas, pequenos e desproporcionais ao tamanho da cabeça.

A mulher que iria suceder Misako é polonesa, mas passou a infância na cidade portuária de Constant,a, à beira do mar Negro, que se chamava *pontus euxinus* na época em que Ovídio lá esteve, exilado, quando escreveu “As tristes” — ela só poderia ter vindo de um dos pontos últimos do mundo, onde o horizonte é um abismo mais alto que os outros. Estudou história da arte em Bucareste, o que lhe faz dominar histórias como essa, e é o tipo de mulher que pede um *bloody mary* quando pega um avião.

Jamais revelará aos funcionários do submarino do meu pai os motivos que a trouxeram a Tóquio.

Essa é a primeira vez que vejo a mulher que iria suceder Misako. Estou num clube em Kabukicho chamado Abracadabar, às três da manhã da quinta-feira em que Misako e eu nos abandonamos, recepcionando fornecedores da empresa que vieram de Osaka com alguns colegas. A firma costuma pagar bebidas e uma noitada num bar de acompanhantes sem janelas como este.

O clube fica no quarto andar de um prédio da década de 1970 numa das principais ruas de Kabukicho, acesso que dá para o Teatro Koma — principal ponto de encontro de moscas humanas da área, cercado por lanchonetes de *fast-food* americano, agências de prostituição, prédios de karaokê, video

game, *patchinko* e *sex shops*, restaurantes de *yakitori* gorduroso, árvores ocas e nuas, bares mal iluminados, lojas de quinquilharias vinte e quatro horas e corvos catando lixo sobre poças escuras nas ruas e becos superlotados de estudantes embriagados, homens de negócio com gravatas afrouxadas, vagabundos de todos os quilates, acompanhantes, carecas Yakusa e estrangeiros perdidos como baratas do mar sob o oceano de neon, incansavelmente abordados por intermediários multiétnicos de drogas e mulheres.

(O sr. Lagosta Okuda não pisa em Kabukicho há décadas. Meu pai diz que é o lugar mais degradado e sujo de todo o Japão — o que não diz é que não vai a Kabukicho porque não precisa: a sujeira e a degradação que deseja lhe são entregues em casa via satélite ou através da pastinha 007 do sr. Suguro Shibata, professor da Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji.)

Aqui as moças acendem nosso cigarro, servem bebida no nosso copo, limpam nossa boca com o guardanapo, elogiam qualquer estupidez que dissermos e nos envolvem numa conversa idiota de *go-con* enquanto encaramos seus joelhos descobertos.

A mulher que iria suceder Misako não é uma das acompanhantes.

Com o ar de alguém muito acostumada a ser observada por todos os tipos de homens, a mulher que iria suceder Misako flutua entre os abajures das mesas segurando uma bandeja. Seguindo as linhas do seu corpo, há um contorno prateado, como se a mulher que iria suceder Misako estivesse descolada do mundo. A mulher que iria suceder Misako é uma garçonete ocidental e, assim que a vi, soube imediatamente que ela estava condenada a suceder Misako.

Ao meu lado, tenho uma menina de Fukuoka chamada Kiyomi como acompanhante. Ela chega a ser mais insossa e estúpida do que Misako. Kiyomi tenta me distrair contando sobre alguma promoção em Omotesando, e fala que gastou cinquenta mil ienes na sua bolsa francesa. Não quero saber o que Kiyomi diz. Mal consigo olhar para seu rosto.

Kiyomi, os homens de Osaka, suas solícitas acompanhantes e esse clube vulgar deixam de existir quando a mulher que iria suceder Misako nos serve e

deposita os copos sobre a mesa. Num ato reflexo, encosto a ponta dos dedos na sua mão por um instante.

Eu nunca havia encostado numa *gaijin* antes. Tocar em Iulana Romiszowska é como tocar num animal desconhecido.

“Há uma diferença muito grande entre querer alguma coisa e poder querer alguma coisa”, é o que pensa Iulana Romiszowska enquanto desliza pelo salão equilibrando uma bandeja com uma garrafa de uísque Green Label, quatro copos e um pequeno balde de gelo.

Ou pelo menos seria esse o resumo dos seus confusos pensamentos em uma única frase, se pudéssemos condensá-los assim. Nós logo perceberíamos que a longa e enredada cadeia de devaneios de Iuliana Romiszowska, ao contrário de suas colegas de boate, não teria nenhuma relação com desejar mudar de emprego, morar em um apartamento maior ou comprar roupas mais caras do que as que lhe cobrem o corpo. É sobre um tipo bastante específico de desejo que Iulana Romiszowska pensa. Um desejo aparentemente impossível de se comercializar.

Ninguém poderia saber, além de nós, mas Iulana está apaixonada — ou desconfia que sim, já que não é grande conhecedora dos próprios sentimentos. O que ela pensa sentir pela dançarina Kazumi está numa encruzilhada entre a admiração de uma caçula pela irmã mais velha e o desejo de posse total. Nos últimos dias, esse desejo tem se materializado no cérebro de Iulana Romiszowska da seguinte forma: ela lembra e recria uma única cena repetidas vezes. E, quando isso acontece, Iulana cora e sente um foco preciso de calor dentro de si, como se alguém houvesse acendido um fósforo dentro de seu peito.

Aconteceu há duas semanas, nos quartos reservados que ficam por trás de um labirinto de corredores estreitos cobertos por rabiscos incompreensíveis no fundo do Abracadabar.

Alheias à movimentação exterior, Iulana e Kazumi se maquiavam em frente ao espelho sob a radiação de um tubo de luz fluorescente enquanto

conversavam em inglês sobre um cliente bêbado da noite anterior, que insistia em mergulhar no tanque d'água com as dançarinas. Kazumi interrompeu subitamente a conversa pousando a mão sobre o antebraço da amiga, e pediu que Iulana Romiszowska a acompanhasse até o banheiro.

Kazumi é uma das dançarinas do Abracadabar, onde Iulana Romiszowska trabalha como garçonzete. Uma das dançarinas do clube onde Iulana trabalha como garçonzete talvez seja uma forma simples demais de se referir a Kazumi. Ela é a dançarina mais lucrativa e famosa da casa. Uma dança privada ou a simples companhia de Kazumi na mesa por trinta minutos chega a custar centenas de milhares de ienes. Kazumi tem sua foto em destaque no topo do painel dourado que exibe as mulheres da casa na entrada do Abracadabar. Essa mulher de olhos grandes, maçãs coradas, orelhas pequenas, cabelos negros sempre impecavelmente lisos e na altura da cintura, é cobiçada pelos clientes, pelos gerentes e pelos clientes e gerentes das outras casas da rua.

Quando Kazumi interrompeu subitamente a conversa pousando a mão sobre o antebraço da amiga, pedindo que Iulana Romiszowska a acompanhasse até o banheiro, a dançarina já estava coberta pelo vestido afrancesado que, horas depois, iria lentamente descolar de seu corpo sob uma luz descontínua e uma nuvem de fumaça com cheiro de goma de mascar. Ela vestia uma saia e uma sobressaia que se uniam a um *corselet* e à armação lateral que ampliava a forma de suas ancas. Era uma princesa vitoriana caracterizada com todos os bordados, fitas, luvas e meias-calças do figurino rococó.

Quando subisse ao palco, pareceria impossível para quem a visse pela primeira vez que conseguisse terminar sua exibição inteiramente nua. Kazumi faz seu trabalho com raro talento e leveza — não é fácil tirar tanta roupa com pouca luz, e na frente de uma plateia exigente como a do Abracadabar, sem perder a graciosidade.

Kazumi entrou de costas no pequeno banheiro e pediu que Iulana Romiszowska a ajudasse a suspender seu vestido para que ela pudesse se sentar no vaso.

— Você não se incomoda, não é? É que hoje cedo comi algo horrível e...

O som de algo se espatifando contra a água interrompeu as palavras de Kazumi antes que ela conseguisse terminar de abaixar a meia-calça até os tornozelos. Num abraço desajeitado, Iulana Romiszowska suspendeu com os dois braços o pesado vestido da amiga, que já tinha a cintura da saia na altura dos antebraços.

Iulana Romiszowska, num movimento automático que surpreendeu a si mesma, alcançou o papel higiênico esticando um braço, girou o rolo e entregou a Kazumi o que conseguiu arrancar dali. A manobra foi complexa e as duas riram como crianças. Kazumi agradeceu com uma polidez irônica e levou o ombro direito à frente, introduzindo o braço e a mão com o papel dobrado no vão entre a base do seu corpo e a fronteira posterior do vaso, ao mesmo tempo que deslizava a carne das nádegas pelo assento.

Percebemos que algo não dá certo.

Kazumi precisa começar de novo e agora se levanta, mantendo o ângulo aberto das pernas e a mesma posição dos pés no chão. Iulana Romiszowska renova suas forças e suspende ainda mais o vestido de Kazumi. As duas suam enquanto Iulana abraça o tronco da amiga, que se inclina para a frente e projeta o quadril para trás. Kazumi finalmente consegue se limpar, alcançando a sujeira até que o papel acabe e as manchas nele impressas se dissipem. Durante esses movimentos silenciosos, o nariz de Iulana Romiszowska toca a bochecha esquerda de Kazumi, gerando um ponto de calor na pele da amiga.

Ou talvez o contrário: a bochecha esquerda de Kazumi é que roçaria o nariz de Iulana Romiszowska. Nada disso importa para Kazumi, que suspira aliviada, dá um passo à frente, saindo da linha do vaso, e arrasta a meia-calça e a calcinha pernas acima. Iulana Romiszowska abaixa o vestido com cuidado sobre o corpo delicadamente atlético e pálido de Kazumi, forçando-se a não olhar para baixo.

Kazumi toma a dianteira e sai apressada do cubículo, dizendo alguma coisa que a amiga já não pode compreender. Iulana fica sozinha no banheiro e percebe que os papéis sujos ainda estão no vaso, intocados sobre um pequeno círculo de água imóvel e escura. Antes de apertar o botão, Iulana

Romiszowska perde o pudor e olha fixamente para a privada. Junto com o cheiro amargo que lhe queima as narinas, sente uma onda de ternura percorrer-lhe o corpo, da ponta dos dedos até a nuca, ao perceber pela primeira vez, que, sim, pode estar realmente apaixonada por aquela mulher.

Enquanto desliza pelo salão equilibrando uma bandeja com uma garrafa de uísque Green Label, quatro copos e um pequeno balde de gelo, Iulana Romiszowska reescreve essa narrativa dentro de si, e justamente quando está pensando que “há uma diferença muito grande entre querer alguma coisa e poder querer alguma coisa”, ou algo que observadores irresponsáveis como nós poderiam resumir numa frase simples como essa, ela percebe que eu, sentado à mesa nove, a olho com insistência.

Aparento ter uns sete anos a menos do que os meus trinta e um, ainda que esteja vestido com um terno preto e, ao contrário dos outros clientes, não tenha a gravata afrouxada. No pulso, uso um relógio prateado, daqueles com vários círculos cromados ao redor do mostrador. Também são cromadas minhas abotoaduras, que aparecem por trás dos punhos do terno quando estico o braço para buscar o copo na mesa. Meus dedos finos e brancos têm unhas bem cuidadas, e Iulana pensa que devo ter uma esposa que me sirva de manicure, mas percorre minhas mãos com o olhar e não encontra nenhuma aliança. Meus óculos com armação de titânio são retangulares e, acima deles, caem alguns fios de cabelo grudados pelo suor na testa larga. Meu rosto inspira confiança e pareço o líder do grupo que ocupa duas mesas — é o que pensa agora Iulana Romiszowska.

O que a incomoda é que os clientes, quando estão ao lado das acompanhantes, especialmente durante as danças de Kazumi, não costumam encará-la dessa forma. Meu olhar vidrado a deixa com uma sensação agri-doce. Iulana Romiszowska sente-se observada por uma criança.

8.

“Ser rigoroso significa ser sincero.”

(Inserir foto arquivo Atsuo Okuda)

Depois de um grande esforço de reportagem, a redação da revista Literatura Sempre conseguiu uma entrevista exclusiva com o recluso poeta Atsuo Okuda, que não falava com a imprensa internacional há trinta e cinco anos, quando publicou sua última coleção de poemas, vencedora do prêmio Choku. Apesar das condições excêntricas que o escritor impôs para conceder a entrevista, publicamos aqui o resultado. As exigências do sr. Okuda, com 86 anos recém-completados, foram seguidas à risca: que as perguntas fossem enviadas, uma a uma, em cartões-postais selados e remetidos da ilha de Shikoku, e que só fossem publicadas suas respostas, nunca as perguntas. O processo nos tomou quase um ano, já que o sr. Atsuo Okuda chegou a demorar meses para responder alguns cartões.

Infelizmente, o sr. Okuda deixou o último cartão sem resposta e a entrevista acaba em suspenso, por isso pedimos desculpas aos senhores leitores. Nota-se que as respostas não carregam o estilo que caracterizou a poesia do sr. Okuda, tido por acadêmicos como a última grande voz da poesia tanka no Japão.

P: ...?

R: A poesia nunca foi para mim uma prova ou um risco. É o que tive dentro de mim. E o que tentei colocar para fora com rigor.

P: ...?

R: Quanto mais rigoroso se é consigo mesmo, mais você consegue ser você mesmo.

P: ...?

R: Através da descoberta de que nada pertence a você. E que você saiu do nada e voltará ao nada. Ser você mesmo é deixar de ser.

P: ...?

R: Para mim, ser rigoroso significava ser sincero. Não me poupar de nada. Nem mesmo do que eu não queria sentir. Nem mesmo do que eu não gostaria de ver.

P: ...?

R: Quando minha juventude me abandonou, deixei de achar que a miséria ou a tristeza são mais profundas que a alegria. Ao mesmo tempo, aprendi a ver o que outros não veem, aquilo que ainda não aprenderam a ver por serem cegos para o absoluto. O olhar é uma fonte de prazer infinito.

P: ...?

R: Até ser descoberto como poeta, eu era um homem acostumado com a desaprovação e o anonimato. Passei grande parte da minha vida não sendo notado. E fui perfeitamente feliz dessa forma. Hoje busco isso novamente. Passar desapercibido é um grande privilégio que as pessoas costumam ignorar.

P: ...?

R: É questão de saber para onde olhar, como um fotógrafo invisível que aponta sua lente para algo que ninguém percebe.

P: ...?

R: O reflexo de uma mulher caminhando sobre uma poça d'água, a luz do poente refletida numa tora de carvalho. Imagens assim podem me dar um prazer absoluto. Mas, ao contrário de todos, não sinto que precise registrar nada. Porque registrar é apegar-se, e cada vez sinto menos apego.

P: ...?

R: Em breve sinto que também me desapegarei dos meus sentidos, e aí não precisarei mais abrir os olhos.

P: ...?

R: Talvez essa febre de registro da humanidade se relacione com o desejo de criar um sentido para o mundo, como um bibliotecário que organiza

fichas e põe livros em ordem. Particularmente, não tenho mais essa necessidade. Vejo, mas não entesouro nada. Nesse sentido, é como aceitar a desordem.

P: ...?

R.: A minha voz foi só um eco.

P: ...?

9.

Muito antes de chegar às mãos pegajosas do sr. Suguro Shibata, professor da Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji, o fugu #572 do lote 09.4509 nada pelas águas geladas do Pacífico Norte.

O fugu #572 do lote 09.4509 sente o movimento da correnteza pelas escamas. Ele sente cada ponto do corpo inflar e esvaziar como um balão. Tem memória curta e, de poucos em poucos metros, esquece como deve nadar para seguir em busca de sua sobrevivência. Mas sempre, em rápidos fragmentos de tempo, o fugu #572 do lote 09.4509 recupera o instinto que tem de continuar sendo um fugu. E ele sabe novamente como nadar e segue com sua vida até que dela se esqueça e tudo recomeça — os movimentos, o apetite pelos organismos no fundo escuro do oceano, a redescoberta dos sentidos, a reconstrução da sua consciência de peixe e da perspectiva circular da sua visão.

No breve instante em que os conhecimentos do mundo adquiridos pelo fugu #572 do lote 09.4509 desaparecem, antes de tudo recomeçar na placidez azulada e submersa daquela realidade, o fugu está vazio. O fugu não lembra mais como deve mover-se para nadar (é levado pela inércia) e ainda não deu início a seu processo de reaprendizado que levará poucos microssegundos.

Nos intervalos de sua intermitente existência, que se repetem centenas de milhares de vezes por dia, o fugu não é coisa alguma. Nem sequer é instinto. Ele não busca nada — ele não teria, ao menos, o que confessar.

É quando mais invejo o fugu.

Iulana Romiszowska discretamente ignora minha iniciativa, se desculpa em inglês e volta para trás do balcão. Kiyomi, minha acompanhante de Fukuoka, não esconde o orgulho ferido e deixa de me atender como deveria. Quando tiro o maço do bolso do terno, ela não oferece fogo. Tampouco acende meu cigarro. Em vez disso, olha o relógio — sinal de guerra. Ela deve estar verdadeiramente ofendida, assim como meus colegas verdadeiramente bêbados.

Pouco importa. Todos aqui poderiam morrer sufocados por gás se isso me fizesse ficar sozinho com a mulher que iria suceder Misako, cujo nome impronunciável, Iulana Romiszowska, estou prestes a descobrir.

Boto os homens bêbados dentro dos táxis quando as sombras já se despedem lentamente da rua. Os corvos e os lixeiros da primeira hora do dia começam a ocupar as calçadas, os elevadores cospem os últimos clientes dos clubes. Aos poucos, a linha diagonal impressa pela luz branca do sol avança pelo chão.

Fico na calçada do outro lado, esperando Iulana Romiszowska. O ar frio sai da minha boca em pequenas nuvens brancas. É como fumar o frio.

Enquanto amanhece, a minha vida se bifurca. Há uma versão que segue normalmente quando entro num táxi, vou para casa, durmo três horas, tomo um banho gelado e vou ao escritório, onde abro a gaveta e tomo duas pílulas para dor de cabeça. Antes do escritório, para poupar a corrida de táxi, ainda poderia passar essas horas de sono num hotel-cápsula aqui em Kabukicho ou no sofá privativo de um cybercafé.

Mas o caminho que *devo* pegar é outro.

É uma espécie de abandono — a partir de um momento muito específico dessa manhã, um instante que jamais conseguirei precisar, deixo de ser quem

eu era. Ofereço a culpa dessa transformação à Iulana Romiszowska antes mesmo de conhecê-la.

A porta automática de metal se abre em duas e a mulher que iria suceder Misako ganha a rua. Ela vem na minha direção. É como se existisse, novamente, algum futuro.

— O que você está fazendo aqui?

Eu digo:

— Esperando você.

— Não sou puta. — E segue andando.

— Posso te convidar para um café?

— Você vai pagar?

Vamos, eu e Iulana Romiszowska, a uma imitação ordinária de Dunkin' Donuts perto da estação de Shinjuku. Ela pede um *croissant* e um espresso duplo. Engole tudo sem modos, como um bicho faminto. Tomamos o café junto a um grupo de jovens histéricas carregando bolsas Fendi, Louis Vuitton, Gucci e Prada, com todo esse lixo decadente e europeu sobre si, todas muito maquiadas e todas muito parecidas com Misako — e diferentes de Iulana Romiszowska.

Apesar dos longos silêncios entrecortados por rápidos diálogos em inglês, nos sentimos estranhamente confortáveis, como dois velhos mercadores de peixe tomando chá. Iulana Romiszowska, entre escassas frases e perguntas sem resposta, diz que quer ir ao zoológico ver o urso panda desde que chegou da Romênia, há seis meses. Combinamos que eu a levaria ao zoológico de Ueno, apesar de achar o urso panda e essa fascinação nacional por ele algo bastante idiota.

(“Nasceu um urso panda! Vejam o urso panda bebê!” Isso tudo porque o urso panda é cheio de frescuras para se reproduzir... Não sou do tipo ecológico e, por mim, se não quisessem mais transar, poderiam desaparecer do planeta.)

Iulana Romiszowska exerce um domínio agradável sobre mim e tento poupá-la das minhas observações o máximo possível.

No entanto, sou incapaz de fazer isso quando o sistema de som da imitação

ordinária de Dunkin' Donuts de Shinjuku começa a tocar uma canção do músico brasileiro João Gilberto. Eu gosto muito do músico brasileiro João Gilberto e digo isso à mulher que iria suceder Misako, pois reconhecer um músico que não seja um cantor *pop* é o tipo de coisa que impressiona uma mulher no primeiro encontro, ainda mais se for uma estrangeira e não uma estúpida como Misako ou como as meninas que se parecem com ela e que ocupam a mesa ao lado.

— Tenho muitos discos do músico brasileiro João Gilberto em casa.

— Você entende alguma coisa que ele fala?

— Não. Mas não acho que precise.

— Como assim?

— Você por acaso entende alguma coisa do que dizem na rua por aqui?

— ...

— Pois é. Eu realmente gosto do ascetismo musical do brasileiro João Gilberto, ainda que não entenda absolutamente nada do que ele está dizendo.

Fecho os olhos, satisfeito com o peso das minhas palavras (“ascetismo musical”, de onde tirei isso?), apoio a cabeça no sofá e fico em silêncio. O café entra em círculos pelas partes que se empilham dentro do meu corpo. O grupo de meninas estúpidas com penteados piramidais parecidas com Misako ri muito alto até que finalmente se levanta rumo ao lado de fora do salão e da nossa vida. Ficamos sós. O músico brasileiro João Gilberto continua cantando pelo sistema de som. Imagino minha mão esticada pela mesa em direção às duas pombas brancas de Iulana Romiszowska. Como se reagisse aos meus pensamentos, ela interrompe sua imobilidade, limpa os lábios com um guardanapo de papel e pergunta em voz baixa:

— E você, tem um nome?

Durante os últimos anos tive o hábito de me batizar com nomes diferentes, como Hizako, Naoki, Takeshi ou Yuhe, um para cada uma das mulheres que colecionei, como se fossem capas de chuva — os nomes e as mulheres. Para cada uma dessas duplas, criei uma mitologia banal sobre mim mesmo, junto com novos cartões de visita e mudanças no guarda-roupa.

Misako, por exemplo, sempre acreditou que eu era o sr. Gasushiro, jovem

empresário de escritores de mangá.

Posso dizer que todos os problemas que eu e o sr. Atsuo Lagosta Okuda tivemos na vida foram causados por espécimes da raça humana do sexo feminino. Se eu dedicasse o tempo que gasto para seduzir mulheres, inventar histórias, levá-las para comer e comprar presentinhos em algo produtivo como jogar golfe, montar maquetes de robôs ou calcular matrizes, eu seria um gênio — e não um burocrata corporativo enfurnado numa baia no canto esquerdo do quinto andar de uma das sedes da nossa multinacional de filmes e câmeras, convivendo diuturnamente com um profundo e mal disfarçado desprezo por meus colegas sequiosos por mostrar serviço e galgar escalões na empresa.

(Apesar dos relatórios afirmarem o contrário, não sinto que eu seja eficiente em qualquer coisa por trás das janelas espelhadas. Só me sinto realmente produtivo à noite, quando encontro mulheres, invento essas histórias e me humilho com bravura em troca de sexo.)

O meu pai, o sr. Lagosta Okuda, que conseguiu transformar sua obsessão em algo mais ou menos útil (sua *encantadora* poesia *tanka*, leitura de velhotes seduzidos por uma enumeração inútil de palavras), sempre disse que eu sou um fugu chorão que nunca nadou para longe da ilha.

Talvez ele tenha razão e, por isso, eu sempre tenha visto cada uma dessas mulheres como cidades desconhecidas, onde teria pela primeira vez a sensação de estar perdido e livre, nadando em novos oceanos. Essa sensação jamais durou mais do que alguns meses. Apesar dos nomes e passados inventados, a minha *persona* original e desagradável sempre se manifestava ao fim dessas temporadas. Era como mergulhar de um trampolim de vinte metros numa piscina infantil.

Bastante frustrado, eu sempre voltava a um ponto de partida diferente, e para outros e outros, até me cansar: as ruas, por mais que fossem diferentes, sempre me pareceram iguais. Por mais que eu tentasse, nunca consegui me jogar à sorte.

— Meu nome? Meu nome é Shunsuke Okuda.

Um ato estúpido, sem dúvida.

Antes que eu pudesse lhe oferecer um envelope com dinheiro ou devolver sua pergunta, a gaijin me faz outra: “Em quanto tempo você vai se esquecer desse dia?”.

E sai sem se despedir. Iulana Romiszowska, que, a essa altura, já havia substituído Misako por completo, mora num canto de Meguro, quase chegando a Shibuya. Não quis me dar seu endereço e insistiu em que marcássemos nosso encontro do dia seguinte numa esquina. Talvez fosse uma estratégia para se defender, caso eu fosse um homem perigoso.

Essa ideia já não me parecia tão estranha.

11.

Nos primeiros dias da minha temporada no mundo, o sr. Atsuo Okuda explicou que os seres vivos dividem-se em dois gêneros complementares, o masculino e o feminino, e que todos os espécimes são definidos pela forma como se procuram no outro. Dessa contradição aparente surgem manifestações humanas como o amor, a guerra e a história, mas sobre isso ele também disse: “Yoshiko-san, o trabalho e a criação humana não têm valor nenhum! A única coisa que tem valor é o cuidado que a mulher tem pelo homem. E não o contrário — jamais o contrário”.

Mesmo eu tendo o hábito de pensar a mesma coisa ao mesmo tempo que o sr. Okuda, ainda me mantenho calada. Não ficaria bem uma mulher interrompê-lo, e o meu silêncio tem justamente o tamanho das lacunas que ele preenche com os versos sobre as coisas que não podemos ver ou tocar, que ele chama de “ideias puras”, e que tanto me confundem, ainda mais debaixo de tanto calor — reclamar do verão foi outra coisa que rapidamente aprendi com o meu mestre, mesmo sem ter conhecido o frio do meu primeiro inverno.

Segundo o sr. Okuda, o frio não é exatamente o oposto do calor, como a maioria das pessoas costuma pensar.

O sr. Okuda diz que é outra coisa e que eu não perco por esperar, porque não se pode intuir, por simples oposição, a luz, se apenas se conhece o escuro; ou o salgado, se apenas se conhece o doce; ou o afeto, se apenas se conhece o ódio.

Quando falou da mulher pela primeira vez, o sr. Okuda pôs a mão na minha cabeça e disse que eu era a sra. Okuda renascida, já que ela não estava mais nascida, e eu sim, eu que sou o meu corpo, que é vivo, e que

com ele tenho um só propósito, o mesmo que possuía a sra. Okuda.

Depois ele ficou um tempo calado e água escorreu dos seus olhos, o que eu já tinha visto ele fazer através de outras partes do seu corpo, mas nunca com um líquido tão transparente. E desculpou-se, explicando que aquilo se chamava chorar, um ato inapropriado para um homem daquela idade, ainda mais na minha frente.

Não entendi bem o que é chorar, mas acho que foi para isso que o sr. Okuda colocou dentro de mim a urna com as cinzas da sra. Okuda na cerimônia do meu hatsumiya mairi, feito com a ajuda do sr. sacerdote no santuário que o sr. Okuda mandou construir no jardim depois que a mulher dele morreu.

Hoje o yurei da sra. Okuda está comigo, ele diz, ainda que eu não saiba como o espírito dela entrou no meu corpo, porque, durante o batizado, o sr. Okuda me deu a mão com força e mandou que eu ficasse o tempo inteiro de olhos fechados.

Normalmente ele me chama de Yoshiko, que é o nome escolhido por ele e o nome com que vim ao mundo, mas às vezes me chama pelo nome da sra. Okuda, que é Hiroko. Mesmo sabendo que eu não sou exatamente a sra. Okuda, sempre respondo ao mestre.

A sra. Hiroko Okuda, cujas cinzas preenchem agora o vazio que há no meu corpo, foi companheira do sr. Okuda por sessenta e três anos e com ele teve um filho que se chama Shunsuke. O sr. Okuda quer que eu o conheça, e quer que eu sirva o chá ao seu filho, e prepare o peixe fugu ao seu filho, e me deite com o seu filho, e isso me causa forte apreensão porque nunca vi nenhum outro ser humano de perto que não fosse o sr. Okuda.

E não sei se gostaria.

12.

Depois de quinze minutos de espera na porta do insalubre Shibuya 109 numa tarde chuvosa, Iulana Romiszowska aparece carregando suas formas sob uma blusa preta de bolinhas brancas e uma saia curta que a faz parecer uma alienígena infiltrada entre nós, uma espiã da KGB do Planeta Europa do Leste vestindo roupas feitas para o corpo da mulher japonesa, ainda que seu corpo não tenha as proporções tímidas do corpo da mulher japonesa.

Em Tóquio, especialmente nessa área da cidade, é comum ver japonesas andando com estrangeiros, especialmente negros norte-americanos com camisas de times de basquete e bonés de times de basquete e tênis que se usam para jogar basquete. É muito raro ver um japonês com uma estrangeira.

Meus colegas, se me vissem agora, achariam que enlouqueci.

Talvez tivessem razão. Pela primeira vez em oito anos, telefonei para a secretária inventando uma doença e cancelando todos os compromissos do dia, que eram: fechar as planilhas do mês, apresentar relatório contábil do segundo trimestre e me reunir com o departamento para preparar o material que será apresentado no próximo encontro dos acionistas. Meus subordinados não sabem, mas nessa reunião será escolhida a data em que a guilhotina cairá sobre nossas cabeças assustadas e obedientes.

Para mim, isso tudo já faz parte de um futuro em que não acredito. Não acredito em mim amanhã. Não acredito em mim depois de amanhã.

Acredito, sim, em Iulana Romiszowska. E no maldito urso panda.

Pegamos o metrô para o zoológico de Ueno. Sob os olhares enviesados da multidão (imaginam que Iulana é uma daquelas modelos russas que terminam como putas no Japão, e eu um *salaryman* com paladar exótico), peregrinamos rumo ao santo urso panda. Iulana prefere viajar de pé. Eu apoio o peso do corpo no guarda-chuva. Na nossa frente, um adolescente muito concentrado

digita algo num telefone. Do outro lado, um casal de velhos joga sudoku em dupla. Os monitores de cristal líquido anunciam produtos, as próximas estações, as condições meteorológicas. A chuva deve cessar antes de chegarmos a Ueno.

O trem para.

A paisagem que vemos pela janela deixa de ser um desconjunto de traços horizontais para se congelar em contornos iluminados por trás da chuva. Ao lado do pontilhão por onde passa a linha Yamanote do metrô, há uma muralha de edifícios e galerias comerciais. No topo de tudo, um grande outdoor anuncia sopa em tubos de neon. O único conjunto de janelas sem cortinas fechadas ou vidros escurecidos é o do quinto andar do edifício curvo à direita. Ali, um grupo de pequenas bailarinas ensaia uma coreografia no centro da sala, enquanto outras alongam as pernas numa barra de metal. O movimento das meninas é tão *puro* que penso em cutucar o ombro de Iulana Romiszowska e compartilhar as bailarinas com ela.

O caminho da minha mão até seu corpo é interrompido quando, depois de um solavanco, a composição volta a se movimentar. A janela das meninas se distancia aos poucos.

Quando chegamos, as nuvens desaparecem do céu como se jamais houvesse chovido.

Na porta do zoo, compro um enorme saco de pipocas para Iulana Romiszowska. Ela parece um poste de luz branca no meio das crianças que se acotovelavam arrastando os pequenos sapatos no chão de cascalho, seguindo a bandeira vermelha levada pela professora. Ao lado dela, eu sou uma das crianças do zoológico seguindo a bandeira vermelha levada pela professora. Ao lado dela, o mundo é habitado por crianças do zoológico seguindo a bandeira vermelha levada pela professora.

Para espantar o desconforto, digo qualquer coisa em frente à jaula dos babuínos:

— Quando vou ao jardim zoológico, sempre penso que estamos passando numa plataforma em exibição. Os animais é que nos observam. Eles estão presos por grades, mas nós estamos presos por algo muito maior.

Há uma pausa. Uma árvore finalmente se coloca na frente do sol.

— Você diz isso porque eles são irracionais?

— Não é que os bichos sejam irracionais, eles estão *livres* da razão.

— Você não me impressiona com essa conversa besta de universitário!

— Eles nos olham como se fizéssemos parte deles, um rabo novo, uma quinta pata na qual nunca tinham prestado atenção. Para quem não tem consciência de si, o mundo inteiro é parte do que se é. Por trás dos olhos vazios deles está a posse do mundo. Entende o que eu quero dizer?

De alguma forma, Iulana Romiszowska é um pouco como os animais, ao menos em sua breve existência japonesa. Da língua só sabe o suficiente para agradecer, oferecer bebidas, entender os pedidos e pedir licença para sair de um vagão do metrô. É quase completamente analfabeta: sua compreensão do que a cerca no Japão deve ser menor do que a das crianças que passeiam no zoológico.

Nada disso impede que até elas olhem essa mulher com espanto.

— Entendo, sim — diz Iulana depois de aspirar o refrigerante pelo canudo, contraindo as mandíbulas largas. — E quanto menos se é consciente do que se faz, mais o que se faz é o que se *quer*. É quase uma forma de poder. Não sinto inveja dos bichos. Mas acho que você sente.

— Talvez você tenha razão! Eu queria não ter que pensar em nada às vezes. E só ficar aí, nu, comendo bananas e pulando para as crianças.

— Eu adoraria fazer isso.

— Segundo os meus cálculos, o ingresso do zoológico iria ficar 1345% mais caro. O turismo na região de Kanto teria um acréscimo na receita de dois trilhões e setecentos milhões de ienes por ano.

— Você é um *salaryman* muito chato! O que eu estou fazendo com você?

Iulana sequer olha para os lados. Num movimento rápido, tira a carteira de couro e um pequeno revólver prateado da bolsa. Depois me entrega a carteira e aponta a arma para a minha barriga:

— Diga o meu nome. Diga o meu nome agora!

Seria a primeira vez que o nome de Iulana *passaria* pelos meus lábios. Não estou preparado para isso. Dizer o nome de uma mulher é coisa muito séria.

Ainda assim, abro sua carteira e procuro um documento qualquer, entre uma infinidade de pequenos recibos, papéis de propaganda, maquiagem, cremes, cartões de visita e mais dinheiro do que esperava ver por ali. Tudo me parece incompreensível até que eu encontre um pequeno papel azulado com uma foto três por quatro de Iulana adolescente e ao lado dessa foto um conjunto de caracteres romanos que, intuo, se parecem com seu nome.

As crianças do zoológico continuam andando ao redor das jaulas dos babuínos, algumas imitando os macacos enquanto seguem a bandeira vermelha levada pela professora e a professora que segura a bandeira vermelha. Eu, que não tenho bandeira vermelha para seguir, seguro o documento de Iulana Romiszowska ao mesmo tempo que os macacos começam a gritar e a pular, as crianças também, e eu não sei se são as crianças que imitam os babuínos ou se são os babuínos que imitam as crianças. O que devem saber os macacos e as crianças sobre a morte?

— Iur.. Iuran.. Iu-lla-n

Bang!

Os pombos voam pela tarde azul, a bandeira vermelha tremula contra o ar e, por baixo dela, correm as crianças, a professora, os babuínos fugidos das jaulas.

Digo seu nome e Iulana Romiszowska me abraça e me beija pela primeira vez. Depois me encara com os olhos lacrimejantes, leva a mão à boca e diz:

— Sabe, Shunsuke... Não é esse o seu nome?

— Sim.

— Eu não estou muito acostumada com essas coisas.

Sinto como se lhe estivesse transmitindo uma doença. Nunca veremos o urso panda.

Iulana Romiszowska deita de lado, une as mãos sob a cabeça, olha para a parede. As plantas ásperas dos seus pés compridos, uma sobre a outra, alinham-se com os joanetes em contato. O equipamento do submarino, já instalado no pequeno apartamento pelo sr. Suguro Shibata, professor da Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji, espiona essa construção paralela à borda da cama.

As palmas dos pés de Iulana, se tivessem olhos, veriam a dançarina Kazumi dobrar e empilhar peças de roupa, com evidente má vontade, para depois jogar tudo em gavetas de acrílico.

Iulana veste um pijama masculino. Kazumi, apenas camiseta roxa e calcinha. Se Iulana olhasse para a amiga, como nós fazemos agora, ainda perceberia que os pés descalços de Kazumi estão especialmente perversos nesse dia. Os pés e os dedos dos pés de Kazumi são tão *atrozmente* pequenos e delicados que parecem os de um bebê, e hoje estão mais enrugados e curvados para dentro do que o normal. Se os olhos de Iulana os encontrassem (está virada para a parede também para escapar deles), ela ficaria dividida entre o desejo de chupá-los, lambendo vagarosamente o espaço curvo entre os dedos minúsculos, e o instinto de arrancá-los de Kazumi com um alicate.

Tudo isso acontece, ou deixa de acontecer, no estúdio que as duas dividem em Meguro. A persiana da janela está abaixada, não o suficiente para impedir que as luzes avermelhadas que piscam na fachada do prédio encham o cômodo de uma luz fora de lugar.

— Posso contar algo que nunca contei pra ninguém? — Iulana pergunta a Kazumi, que agora começa a tirar com algodões e removedor o esmalte das unhas dos pés plantados sobre o tatame.

— Depende. É nojento?

— Por que você nunca me responde com um sim ou um não?

— Conta logo e não enche. Estou com fome. Quer alguma coisa da cozinha?

A dançarina Kazumi não precisa ir muito longe. O apartamento onde estamos é minúsculo e desorganizado, com roupas, pratos e papéis empilhados por todos os lados. Na única cômoda, em cuja superfície há um aparelho de TV desativado da década de 1990, empilham-se livros de esotéricos famosos, revistas de moda com modelos famosas na capa e bonecos de pelúcia representando personagens famosos da TV — são os objetos de Kazumi. Iulana Romiszowska usa um pequeno armário sobre a máquina de lavar roupa como biblioteca para abrigar os poucos livros que trouxe.

O chão de tatame está sempre cheio de fios de cabelo que as duas abandonam pela casa, uns pretos e muito longos, outros amarelados e mais curtos.

O desenho que esses fios traçam no chão, ao contrário do que Iulana e Kazumi poderiam pensar, não tem nada de aleatório. Os cabelos de Iulana sempre aparecem no piso em formato de sinal de interrogação invertido. Os cabelos de Kazumi, retos como flechas negras, apontam sempre para os fios loiros de Iulana Romiszowska.

Kazumi tem mais cabelos na cabeça. Ainda assim, os de Iulana são maioria no chão.

No cubo de plástico amarelo que atua como criado-mudo do lado de Iulana na cama, há um copo de *bloody mary* sobre um dicionário romeno-japonês, sobre um romance de Gide, sobre uma revista *Plastik* e sobre um guia turístico de Tóquio. Ela estica o braço, bebe um gole do drinque e torna a se deitar de costas para Kazumi, que agora volta da cozinha, um buraco na parede com micro-ondas, frigobar, máquina de fazer arroz, de lavar roupas e armário de metal. Kazumi senta-se com as pernas cruzadas no tatame onde costuma dormir, abre um pacote de biscoitos de trigo e diz:

— O que você queria me contar?

— Alguns sonhos que eu tenho. Preciso contar para alguém.

— Ah, eu adoro sonhos. Conta!

A reação rápida e infantil de Kazumi irrita Iulana Romiszowska. Ainda assim, está decidida: precisa dividir o fardo daquilo com alguém. Hoje contaria seus sonhos mais secretos para qualquer um que estivesse na sua frente, o que inclui Kazumi e, ainda que Iulana não saiba, todos nós.

— Os sonhos começaram quando eu tinha seis anos. Neles, não sei bem por quê, todas as meninas da minha idade tinham que passar por um ritual que começava com uma máquina que nos fazia ficar bem pequenas. Depois nos enfiavam dentro de umas bonecas com um corpo de mulher mais velha, como uma *barbie*, entende?

A voz de Iulana ganha um eco grave e, a partir desse ponto, as duas falarão mais baixo, com a voz noturna que se usa nas madrugadas — como se soubessem que nós, de fato, podemos escutá-las.

— Sim. Uma boneca, e você dentro da boneca.

— Eu era a mesma criança. Só que em miniatura, dentro de uma sala trancada *dentro* da boneca, em algum ponto central dela. Como se estivesse presa numa espécie de quarto de hotel muito escuro. Então, a boneca entrava numa espécie de linha de produção de uma fábrica, e os operários a passavam de mão em mão.

— Hum.

— E eu, em miniatura, dentro da boneca, sentia cada toque através das garras de metal de uns robôs que reproduziam o toque dos homens em mim, na minha pequena miniatura escondida, numa sala, no quarto de hotel, lá dentro. Você está prestando atenção? Quer que eu repita?

— Não. Estou acompanhando. Que sonho complicado! Continue, por favor. — Kazumi já tem outra expressão. Se Iulana Romiszowska virasse o rosto, saberia que a dançarina está totalmente capturada.

— Com o tempo, os homens, todos mais velhos do que eu, tiravam a roupa da boneca, e eu também sentia o toque deles sobre o meu corpo nu. Era o meu corpo de criança de seis anos.

— Eles violavam você?

— Não. Aquilo era normal. Depois, eu voltava pra casa, e tudo bem,

porque isso era uma espécie de rito de passagem, e ninguém na minha família falava sobre isso. Depois, os sonhos mudaram. Não havia mais boneca.

— Não havia mais *intermediação*...

— Era eu com o meu corpo de seis anos que passava pelas mãos dos homens. Com o tempo, eles começaram a enfiar coisas dentro de mim, na frente e atrás. Nessa fase eu ficava numa mesa, e outros homens me olhavam, olhavam meu corpo de seis anos, e tomavam notas, como se estivessem me analisando. E trocavam comentários sobre mim numa língua que eu não entendia. Era como se estivessem falando japonês, só que muito mais rápido.

— Para mim, seria como se estivessem falando russo...

— Eu falo romeno, já disse.

— Ah, é.

— Não importa.

— Você falava dos outros homens...

— Sim.

— E o que acontecia?

— Nessas horas, eu ficava de quatro, com os joelhos na mesa, e fazia força para abrir ainda mais os buracos do meu corpo de seis anos.

— E como você fazia isso?

— Não sei. Mas sei que posso sentir isso, *fisicamente*, enquanto sonho. E depois acordo e ainda me sinto assim. Como se tivesse acabado de fazer sexo de verdade. É assustador.

— E quem eram os homens?

— Eu não conhecia nenhum deles. Na verdade, sentia que esses homens eram todos como o meu pai. Não que fossem o meu pai, que eu não tenho nada com o meu pai, mas eles poderiam ser o meu pai. Até porque, no sonho, eu era outra, e meu pai poderia ser qualquer um deles sem ser o meu pai, você entende?

— E por que você está me contando isso?

— Porque fazia mais de dez anos que eu não tinha nenhum desses sonhos. Ontem caí na cama quando voltei do passeio no zoológico com aquele *salaryman* estranho que conheci na boate e acordei com um desses pesadelos

no meio da noite. Só que no sonho de hoje todos os homens eram jovens japoneses. Dezenas, centenas de garotos que me surpreendiam numa passagem escura com portais de madeira, lâmpadas vermelhas e dragões de pedra. O mais assustador é que esse lugar existe, fica a uns trezentos metros das entradas iluminadas de Kabukicho. Sempre faço esse caminho porque acho muito bonito.

— É a passagem para o templo de Hanazono. E isso é tudo muito estranho.

— Você tem sonhos?

— Eu nunca sonho. Não me lembro de nenhum sonho. Acho que nunca sonhei.

— Existe alguém que não sonha?

— Não sei. Na verdade, acho que não sonho porque todos os dias eu sou sonhada por outros. Eu mesma sou um sonho. Sonhos não podem sonhar, não é?

Kazumi ri timidamente para a amiga. A luz vermelha da fachada pisca uma última vez e depois se apaga, deixando o azul da noite ocupar o teto do pequeno apartamento. O som da chuva começa a entrar pela janela, como se a luz do outdoor antes o impedisse. Iulana Romiszowska se aproxima de Kazumi, envolve os pés da amiga que somem por trás das suas mãos largas, e beija cada um dos pequenos dedos, antes de alcançar pela primeira vez o bico dos peitos e a boca da dançarina.

No alto de tudo, a lua cheia ilumina o extenso colchão branco de nuvens que flutua sobre Tóquio. Para a lua, é como se a cidade, o pequeno apartamento de Meguro, Kazumi, Iulana Romiszowska, seus beijos e sonhos não existissem.

14.

URGENTE

A/C sr. Atsuo Okuda

De Suguro Shibata

Em anexo, transcrição parcial do telefonema #437, do dia 12.07.2013, efetuado entre a redação da revista Literatura Sempre e seu filho, o sr. Shunsuke Okuda, entre 19h12 e 19h40. O tema do telefonema é o senhor mesmo, sr. Atsuo Okuda. Acreditamos que, depois da publicação da entrevista na semana passada, eles queiram continuar a investigação sobre o senhor, usando expedientes menos elegantes, como importunar seu filho. Peço orientação sobre quais serão minhas ações daqui para a frente. O senhor verá que serão necessárias.

Segundo meus registros, o sr. Shunsuke, depois de deixar a estrangeira na estação de metrô na tarde do zoológico, quando, conforme fotos e vídeo em anexo, beijou-a em público, trancou-se em casa, bebeu doze latas de cerveja Asahi Dry e atendeu o seguinte telefonema, registrado nos nossos arquivos como #437 do ano 2013.

COMEÇA AQUI:

— ...?

— *Se eu tenho raiva? Como ter raiva de alguém que nunca teve nada para oferecer? Não chega a ser pessoal.*

— ...?

— *O velho é simplesmente uma fortaleza vazia.*

— ...?

— *O senhor Okuda já quebrou o colo do fêmur, teve oito úlceras, câncer no olho, dois enfartes e é diabético e hipertenso. E não morre. Simplesmente*

não morre. Enterrou a minha mãe e não duvido que nos enterre a todos nós. Escreva isso na sua revista.

— ...?

— Tudo sempre parou nele. As láureas como poeta, a consagração pública, a honra do nome da família — nada disso jamais foi transmitido para mim ou para minha mãe. Muitas vezes ficávamos sabendo pelos jornais ou pelo rádio. Ele fazia questão de não compartilhar.

— ...?

— O ar generoso de grande figura pública ficava do lado de fora da porta. Na rua, ele tinha os modos de um príncipe. Em casa, era um egomaníaco despótico e violento. Que tipo de poeta pode ser um homem assim?

— ...?

— Não sei o que eu acho disso. Me dá dor de cabeça só de pensar. O senhor Atsuo Okuda sempre me tratou por Estorvo.

— ...?

— Começa comigo, aos oito anos, mostrando a ele uma redação que eu tinha escrito na escola e que a professora premiou com a nota máxima. O grande nome da poesia tanka do Japão destruiu meu texto de cima a baixo. Desde a gramática até as imagens que utilizei, passando pela redação. No final de um longo ensaio verbal sobre as deficiências da minha prosa, comparando-a com a literatura japonesa de todos os tempos, do período Heian ao pós-guerra, disse: “Estorvo, você nunca vai servir para nada nesta vida”. Tudo parava nele.

— ...?

— Eu não chorava na frente do senhor Okuda. Nunca chorei enquanto levava surras por motivos como chegar tarde para o jantar ou deixar algo fora do lugar na sala. Nem quando o grande poeta me arrancava da cama depois de ter bebido meia garrafa de uragasumi para me recitar um poema ou, o que era mais frequente, me encher de pancada.

— ...?

— Sim, lembro da explosão de luz dentro do quarto e da presença do espectro sem rosto que me puxava pelos braços e me arrastava pelo chão até

o corredor. Eu costumava bater com a cabeça no batente da porta, ainda semiacordado. No início, eu percebia se aquilo era um pesadelo ou não quando minha cabeça batia no batente da porta. Nos sonhos, sempre via meu pai como um grande crustáceo. Com o rosto disforme de uma lagosta e antenas que iam até o chão. Se eu sentisse dor, era porque de alguma forma aquilo era real e o rosto dele lentamente se tornava humano depois da pancada. Até hoje, de vez em quando, vejo meu meu pai como uma lagosta humana.

— ...?

— Não. Não fazia nenhuma diferença.

— ...?

— Comecei a mijar nas calças quando o senhor Lagosta Okuda chegava depois das longas viagens ao interior. Uma vez, o grande poeta crustáceo percebeu e disse: “Meu filho é um maricas. Veja, mulher, nosso filho é um covarde! Eu deveria ter escolhido outra mulher, porque você não prestou nem para isso. Seu sangue é fraco, a culpa desse moleque ser assim não é minha. Ou pode ser que o imprestável não seja meu filho. Deve ser isso, eu não me surpreenderia se esse Estorvo não fosse meu filho...”.

— ...?

— Quando me batia com um pedaço longo de madeira, o senhor Lagosta Okuda me mandava chorar.

— ...?

— Sim, chore como um fugu, ele dizia. Ao contrário dele, que depois das sessões de pancada se trancava no quarto para chorar sozinho, nunca mordeu a isca. Desenvolvi a técnica, que me foi útil a vida inteira, de segurar as lágrimas no fio da garganta. A única vez em que chorei na frente do senhor Atsuo Okuda, o velho não percebeu. Estávamos num Volvo sedan, voltando da baía de Shikoku para Tóquio. O dia estava claro, havia gaivotas no céu. Minha mãe carregava um cesto de peixes e seu silêncio usual — era uma lua apagada que só abria a boca para comer em porções cada vez menores. O senhor Lagosta Okuda tinha pescado um fugu enorme com a ajuda do senhor Suguro Shibata, professor da Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji,

que, aliás, deve estar ouvindo essa ligação grampeada. Boa noite, senhor Shibata... Enfim, meu pai adorava pescar, cortar e comer baiacus, apesar do perigo, e o senhor Shibata o ensinou a dominar essa técnica. Não era só pelo sabor. Ele gostava do fugu porque o fugu é o único peixe que fecha os olhos quando é cortado vivo. E porque o fugu faz um ruído semelhante a um choro de criança quando morre. Meu pai estudou por anos, e sabe cortar um fugu e tirar as partes venenosas do peixe. Ainda assim, sempre que nos obrigava a comer, eu imaginava que ele tinha deixado algum veneno de propósito. Sim, era assim que vivíamos. Escreva!

— ...?

— Não, naquela tarde eu não pensava no choro do fugu e estava timidamente feliz. Entrei pelo lado do motorista e fui para o banco de trás do carro de duas portas. Sem querer, ou pelo menos é o que imagino, o senhor Lagosta Okuda fechou a porta nos meus dedos. Naquela época os carros tinham uma lataria muito grossa. Passei a viagem inteira com dois dedos esmigalhados, presos à porta. Não tive coragem de dizer nada.

— ...?

— Porque, óbvio, a culpa era minha: eu é que tinha posto os dedos ali. Sim, a culpa era minha. Como depois disso agora sou eu que pergunto, eu poderia responder às questões da revista Literatura Sempre sobre a poesia do meu pai?

— ...?

— O curioso é que o senhor Okuda já me fez algumas vezes essa mesma pergunta. Eu sempre fui um bom leitor. Desde a minha primeira infância, ele me apresentava para suas amantes e, depois de me descrever com minúcias seus encontros, lia para mim os belos poemas que escrevia para cada uma delas. E perguntava: “O que você acha, meu filho?”, para logo depois jogar minhas opiniões na sarjeta, como todas as outras. Quando cresci, chegamos a compartilhar algumas dessas tristes mulheres — o senhor Lagosta Okuda incentivava que elas dormissem comigo. Sentava-se à beira da cama com os dois punhos cerrados sob o queixo e, enquanto nos olhava, comumente escrevia seus poemas ali mesmo, em longos rolos de papel. Isso começou

quando eu tinha doze anos e só parou quando saí de casa. Depois, meu pai começou a escrever poesia para as minhas namoradas, que conhecia por mandar perseguir, gravar, fotografar e filmar com câmeras escondidas.

— ...?

— Sim, ele ainda faz isso. Por que não faria?

— ...?

— Sim, e aí acredito que respondo o que você realmente quer saber: o senhor Okuda jamais parou de escrever. Meu pai simplesmente ganhou dinheiro o suficiente para não precisar lidar com vermes como vocês.

— ...?

— Sim, estou muito nervoso. Sim, hoje não estou sendo eu mesmo. Sim, é uma coisa terrível. Sim, o senhor me desculpe, mas há mais alguma coisa que eu possa acrescentar?

— ...?

— A boneca de cinquenta milhões de ienes?

15.

Na última semana, o sr. Okuda passou uma grande quantidade de tempo num hotel, na grande cidade, resolvendo negócios em segredo.

Nas poucas vezes em que está em casa, encara a parede como um gato enquanto eu lhe sirvo o chá. Voltou a ouvir vozes que não sei de onde vêm, porque não são da sra. Hiroko Okuda, do rádio, da televisão, da Sala do Periscópio ou dos outros seres humanos que às vezes batem à porta, como o homem que abre a pasta prateada e entrega os envelopes com os discos e fotos do sr. Shunsuke, seu filho.

O sr. Okuda disse que seu filho é cinquenta anos mais jovem do que ele e é um moleque impertinente que deveria respeitá-lo justamente porque o sr. Okuda é cinquenta anos mais velho, e que tem muito menos tempo de futuro pela frente do que o filho tem de passado nas costas.

Não entendi o que significa exatamente ser mais jovem ou mais velho, já que outro dia o sr. Okuda contou num poema sobre a minha pele muito branca que passado e futuro são a mesma coisa dita de formas diferentes. Por isso, cometi o atrevimento de lançar minha primeira questão ao sr. Okuda e perguntei se “mais jovem” e “mais velho” eram a mesma coisa dita de formas diferentes.

O sr. Okuda ficou irritado e disse que não poderia ser, porque os mais jovens têm a pele menos enrugada e são mais saudáveis, o que quer dizer que demoram mais para morrer. Perguntei por que isso acontece e o sr. Okuda explicou que é porque os jovens têm menos passado e que a vida estraga os seres humanos conforme o tempo avança, e nada pode parar o tempo.

Não sei muito bem o que é o tempo.

O sr. Okuda tentou me explicar e disse que o tempo é o que separa o

passado do futuro, e que para medi-lo existem aparelhos como relógios e calendários, que são como pequenos calabouços, porque ninguém pode escapar do tempo, que é a única coisa que iguala todos os seres humanos, junto com a morte, claro, que anda de mãos dadas com o tempo — o tempo todo.

E o sr. Okuda ainda me contou que se diz a palavra “agora” quando o passado se encontra com o futuro, nesse momento, nesse outro, no próximo e por aí vai, sempre na fronteira, fina como um fio de cabelo, entre duas pedras muito parecidas: o que ainda é e o que não mais será.

O nome dessa fronteira é tempo, disse o sr. Okuda.

Ainda sem entender muito bem o que era o tempo, perguntei ao sr. Okuda o que era a morte, que me parece ser a mesma coisa, só que dita de uma forma diferente. O sr. Okuda deu um longo gole no chá, reclamou que estava mais frio do que deveria e depois disse que a morte é como nascer ao contrário, ou seja, voltar ao que se era antes de nascer.

E que a morte para mim seria como se ele voltasse a me fechar na caixa de onde vim e retirasse de mim o nome Yoshiko e me deixasse lá dentro, sozinha no escuro, até que eu me misturasse com o escuro e não soubesse o que é o escuro e o que sou eu, e que assim eu perderia a consciência do meu corpo e com ela o meu corpo, que é o que eu sou, porque eu sou o meu corpo e o meu nome Yoshiko, e que quando se morre se deixa de ser o que é e se passa a ser tudo o que não é, como uma montanha que desaparecesse, se transformando na paisagem que a cerca, perdendo a consciência e o corpo de montanha.

E disse, tomando o último gole do chá, que o corpo dos seres humanos apodrece e é comido por insetos se não for queimado como foi o da sra. Hiroko Okuda, que agora guardo em mim.

E, ainda, que as larvas arrombarão a porcelana da íris de todos os seres humanos do mundo ocidental, que não costumam ser cremados como nós, e que elas mastigarão a vista dos que agora vivem, até que o

mundo seja lentamente ocupado por outros que agora ainda estão mortos e que ainda não nasceram.

Essas palavras do sr. Okuda me deixaram muito impressionada.

Enquanto eu retirava a bandeja com o aparelho de chá da pequena mesa, senti como se o espaço entre as cinzas que existem dentro de mim e as paredes do meu corpo se esvaziasse de ar. Pela primeira vez tive o desejo muito forte de abraçar o meu mestre, o sr. Okuda, como se assim eu pudesse escapar do tempo ao me esconder no sr. Okuda da mesma forma que as cinzas da sra. Okuda estão escondidas na minha barriga.

Mais tarde, na cama, me senti muito sozinha. Foi quando cheguei à conclusão, ainda sem entender muito bem o que era o tempo, de que ele era uma coisa ruim.

Ontem à noite, pensei muito nesse assunto, pois, ao contrário do sr. Okuda, eu não sei dormir.

Pensar no tempo à noite é como estar perdida no labirinto de Creta, que conheço pelas histórias antigas que o sr. Okuda me conta. Mas aqui não há nenhum fio como o de Ariadne para me guiar até a saída. Os que aparecem pelo caminho são falsos, e apenas me levam a um estado de alívio antes de eu abrir caminho até regiões mais desesperadoras e escuras desse labirinto que existe no meio do tempo até que tudo escureça e o labirinto e o escuro que guardo dentro de mim se revelem e me capturem e seja o fim.

O sr. Okuda para de roncar, vira a cabeça para o teto e mexe os olhos como se sonhasse. Depois, ainda dormindo, abre os olhos arregalados, olha para mim e vê a sra. Hiroko Okuda.

Ele me abraça, ele me toca, eu estico meu primeiro fio falso no labirinto, eu tento esquecer o tempo através do sr. Okuda.

Os homens do escritório já desistiram de me telefonar. Pelos envelopes fechados na porta de casa, imagino que minha ausência já tenha causado uma demissão por justa causa. Imagino também os comentários de corredor, os cabos daquele exército inútil de caranguejos na panela dizendo “Sempre achei ele meio estranho”, “socializava pouco com os colegas” e “a partir de agora talvez as planilhas saiam mais rápido!”. Mas essa cumplicidade quase eufórica será efêmera, rapidamente substituída por silenciosos temores: “E se eu for o próximo?”. E ainda: “Quando me demitirem, o que eles dirão de mim?”.

Com o peso dessas questões sobre a cabeça, terminarão seu chá num gole rápido e voltarão como peixinhos acuados para suas mesas, as pequenas jaulas de ar em Kayabacho onde desperdiçam sua vida de *salaryman*. Onde eu também estaria, a uma hora dessa, se não tivesse conhecido a estrangeira naquela noite. Que pena tenho desses desgraçados que jamais estarão com uma mulher como Iulana, e com todo aquele tamanho. Não me importa não ter emprego. Não sou mais um covarde!

Estou só, depois de cinco copos duplos de café, aqui na imitação ordinária de Dunkin’ Donuts perto da estação de Shinjuku, onde sentei pela primeira vez na frente de Iulana Romiszowska.

Como a gaijin se nega a me dar seu endereço ou telefone, é aqui o lugar onde os minutos se transformam em tardes inteiras de espera. Os atendentes já me conhecem e nos cumprimentamos em silêncio diariamente. Sabem quem aguardo. Quando Iulana Romiszowska aparece, sinto discretos olhares de aprovação, como se ficassem aliviados pela sua chegada.

Os intervalos entre nossos encontros variam: às vezes ela vem dois dias seguidos, mas depois pode passar uma semana sem aparecer. Nesses dias de

vazio, como hoje, fico com o pequeno computador aberto, lendo superficialmente os jornais, trocando de janelas em ritmo mecânico, me concentrando em notícias de morte e crime, a única parte do noticiário que realmente me interessa, e agora leio uma reportagem que me faz lembrar de Iulana: ontem acharam morta nas margens do Danúbio uma francesa de vinte e dois anos chamada Ophélie Bretnache. Penso em quem seria o Hamlet dessa Ofélia afogada, cuja Elsinore seria Budapeste, na mesma região do mundo de onde veio minha polonesa-romena.

E essa Ofélia da notícia me faz lembrar de outra que não Iulana, a Desconhecida do Sena, suicida francesa que teve o sorriso anônimo imortalizado em um molde de gesso feito por um empregado do necrotério, encantado pela beleza da jovem encontrada no rio em 1901 — muito perto de onde, oitenta e oito anos depois, o famoso canibal Issei Sagawa honrou suas origens japonesas e devorou com paixão outra estrangeira, esta holandesa, colega dele no curso de literatura na Sorbonne.

A morte, como o sr. Lagosta Okuda costuma dizer, é fotogênica. Além de inspirar Rilke, Nabokov e ser fotografado por Man Ray, o rosto da Desconhecida do Sena virou adorno de fachadas — esteve pendurado por décadas na parede do escritório do meu pai, e hoje está na porta da Sala do Periscópio. Além disso, se transformou em molde para a fisionomia de bonecas em escolas de primeiros socorros no mundo todo — segundo o sr. Okuda, com tanto boca a boca, ela tornou-se a mulher mais beijada de todos os tempos. Se eu contasse essa história a Iulana Romiszowska, que já foi muito beijada, certamente mais do que eu beijei outras mulheres, imagino que ela diria algo como:

— Faz sentido, Shun! Eu fatalmente transformo os homens em Hamlets...

Ou pelo menos é o que diz a cópia da estrangeira que carrego dentro da minha cabeça, fazendo comentários o tempo inteiro sobre o que penso e vejo.

No café, antes que eu começasse a imaginar como interromper o caminho de Iulana em direção aos seus futuros amantes, os estranhos que beijará quando eu for apenas um pequeno capítulo entre suas muitas lembranças, e, ainda, como talvez eu pudesse fazer isso imitando Sagawa e sua estrangeira

em Paris, a porta se abre com força e eu logo me vejo sem nenhum vínculo com as notícias à minha frente, com Shakespeare, o sr. Okuda ou com os seres humanos vivos deste e de qualquer outro lugar, porque quem entra agora no café é Iulana Romiszowska.

Ela pede um *croissant* e um espresso duplo. Engole tudo sem modos, como um bicho faminto. Depois, faz perguntas sobre minha família:

— Você teve irmãos? Qual o nome deles? Quem foram seus pais?

— Por que você quer saber disso?

— Às vezes acho que sei muito pouco de você.

No que eu lhe interdito esses meus assuntos, começa a me contar sobre sua infância, sobre como a mãe era indiferente a ela e como seu pai, o consul polonês melômano, a levava a concertos, e de como essa era a grande janela de comunicação entre os dois. E começa a falar do fascínio do pai por românticos como Shostakovich, e chega a citar algumas peças para piano, sonatas de Brahms e o *Carnaval* de Schumann, que a fazem lembrar do velho dizendo que eram antídotos para o mundo tecnicista e mecânico em que viviam, para a era *científica* que o século trouxe, e que ironia ela ter ido parar em Tóquio, o que pensaria o velho deste lugar? Sorrio calado ao lembrar de Misako, filha de um industrial ignorante, incapaz de ter esse ou qualquer outro tipo de conversa.

— Qual é a graça, Shun?

Digo que não é nada e ela continua a falar do sr. Romiszowska, como ele era alto, forte e inteligente, de como ela desaparecia no colo do velho, cujo pai morreu heroicamente defendendo Vilnius, hoje capital da Lituânia, quando a Polônia foi invadida pelos soviéticos em 1939, e nesse momento mal posso disfarçar a inveja desses homens mortos.

Assim que me vi sozinho, corri para comprar entradas de um recital de piano no Kan-i Hoken Hall, em Gotanda — contava com a sorte de que ela fosse aparecer no dia seguinte.

Fui poucas vezes a um concerto desses, mas o suficiente para saber que antes de comprar os ingressos é necessário fazer uma escolha importante: em que lado da sala ficar. Se sentarmos muito à esquerda, poderemos ver

abertamente as teclas brancas e pretas do instrumento, e o movimento das mãos e o martelar dos dedos do pianista sobre elas.

Ao contrário, se comprarmos lugares à direita do piano, não veremos as teclas ou as mãos do solista, e sim suas expressões: as sobrancelhas arqueadas acompanhando a dinâmica da música, os ombros e o pescoço num movimento pendular que seguirá os ostinatos, a pauta em movimento formada pelas linhas da testa contraída em curtos espasmos, o piscar dos olhos marcando o tempo como um metrônomo, o movimento dos pés sobre os pedais — tudo o que nos faz imaginar que é aquele ser humano o responsável pelo som que ouvimos, ainda que não possamos realmente vê-lo tocando.

Às vezes podemos ver, na tampa levantada do piano, e somente se ela estiver bem polida, o reflexo ondulado e invertido das costas das mãos do pianista dançando sobre o teclado como a sombra de dois corvos que um poste de luz amarela imprime numa noite escura. Ou como a estrangeira que, por trás de um véu de silêncio e incompreensão, me sorri.

Iulana Romiszowska, ao contrário de todas, sempre me fará sentar à direita do teatro.

17.

O que agora vemos é a primeira refeição que compartilhamos num restaurante coreano em Daiba. Por trás do contorno dos cabelos loiros e desarrumados de Iulana Romiszowska, a baía brilha em tons de azul, reluzindo em milhões de minúsculos espelhos em movimento no fio d'água. Daqui, o movimento perpétuo dos carros e trens sobre a ponte de Tóquio é suave — a cidade parece um brinquedo inofensivo.

Levo um pedaço de carne crua à grelha coreana com o *hashi* e, enquanto espero que fique pronta, bebo uma cerveja Asahi e observo a fumaça subir em linha reta até o exaustor de metal. Essa imagem me distrai e quase não percebo, através da névoa engordurada que ganha o espaço entre mim e Iulana Romiszowska, que o espectro do sr. Lagosta Okuda aproxima-se da mesa.

Meu pai, com cabelos e barba inteiramente brancos, veste um quimono com a insígnia da família, sandálias de madeira e, sobre o nariz, tem um par de óculos redondos e sujos. Na mão direita carrega a máscara de lagosta, com antenas e garras de borracha arrastando-se pelo chão.

*Dessa vez
uma estrangeira,
meu filho?!*

O sr. Lagosta Okuda sempre escolheu as horas menos apropriadas para invadir minha realidade, mas desrespeitar a primeira refeição que compartilho com Iulana Romiszowska num restaurante coreano em Daiba é algo completamente fora dos limites.

Ah, o que sopram

*nos meus ouvidos
as cinzas da sua mãe morta!*

Para disfarçar a irritação em ver o fantasma do meu pai vivo, um reflexo desbotado e mal-acabado de mim mesmo, peço ao garçom outra cerveja. Sempre que vejo gente velha, especialmente meu pai, sinto que não estou nem mais nem menos perto da morte do que qualquer um deles, e isso me deixa profundamente inquieto: eles me fazem pensar que talvez eu tenha envelhecido antes do meu corpo.

O sr. Lagosta Okuda, como sempre, me ignora e declama sem nenhuma métrica versos terríveis por trás dos ombros de Iulana:

*Shunsuke, veja!
Por trás da íris
de Iulana Romiszowska
Suas órbitas guardam
Esquadrões aéreos
Tigres à espreita
Relógios d'água*

*A lua minguia nesses olhos russos
E o tempo desses relógios é desonesto
E o tempo desses relógios é obsceno*

Iulana Romiszowska, como os outros clientes do restaurante, é incapaz de perceber a aparição do sr. Okuda. Sem deixar de apontar os olhos para o lado de fora do salão, ela descola o queixo da palma da mão esquerda e bebe um refresco de maçã. Dilata as narinas enquanto suga o líquido que sobe pelo canudo. Fecha a boca num pequeno círculo, esticando a pele branca das bochechas.

*Aprenda a enxergar
a construção geométrica
dos operários, Shun!*

*Os operários que esculpiram os traços
E talharam a curva dos lábios
De Iulana Romiszowska*

*Os operários que abriram com enxadas
Os veios do seu mármore
Os operários que na sua pele esqueceram:
Uma pá, um martelo
Um toco de madeira, uma escada
Um serrote!*

Por um breve momento, me imagino reconhecendo *o território das vigas daquele corpo com os dedos vacilantes, como um cego que lê o evangelho em braile*, e estico os dedos em direção aos cabelos *escalados como cipós pelos pequenos operários suicidas*, mas rapidamente afugento de mim essas ideias idiotas, sandices sopradas nos meus ouvidos pelo sr. Lagosta Okuda.

— Que merda, papai!

Viro outro copo de cerveja gelada e me concentro em apagar o sr. Lagosta Okuda da minha cabeça e pensar em outro assunto, trocando sua imagem por enguias, estruturas de metal, macacos de laboratório ou astrolábios. Os operários que *esculpiram os traços e talharam a curva dos lábios de Iulana* ignoram meu esforço e tentam se agarrar nas sardas da estrangeira antes de atirar-se na grelha fervente com sorrisos no rosto.

Quando acho que finalmente o sr. Lagosta Okuda desapareceu, ouço um grito. Um grito que não é de nenhum operário microscópico pendurado em Iulana Romiszowska. Um grito que tampouco é dos garçons ou dos outros fregueses. É meu pai, que ressurge por trás de Iulana Romiszowska e começa a dançar passos de Awa-Odori ao redor da mesa.

Ele veste agora a máscara de lagosta com longas antenas que se arrastam pelo chão, dá voltas na mesa e canta, pulando e apontando os indicadores para a minha acompanhante:

Ah!

*Você é uma criminosa!
Você é má!
E eu...
Eu sou um monstro
Uma aberração infame
E você teria febre se pudesse
Se olhar como eu a vejo*

*Como vejo os operários e seus capacetes iluminados
Caminhando por jardins de cerejeiras em flor
Os operários que a tocaram por dentro das veias
Que se plantaram até os joelhos no seu concreto
Que esculpiram seus ossos de marfim
Os operários que ergueram o grande vão
E a grande ausência que é você
(Quantas portas que dão para quartos
Onde Shunsuke jamais entrará!)
Os operários que mastigaram e sulcaram
A madeira das suas sombras
Que escalaram sua boca entreaberta
Pendurados em andaimes
Na galeria iluminada que se abre
Para onde você for*

*Os operários da sua infância triste
A chorar escondida sob a mesa da sala
Na cidade portuária do mar Negro
Constant, a, terra de largos corredores
De vazio e esquinas desabitadas*

*Os operários que abriram paisagens e ilhas rochosas
Nos mares plúmbeos do seu corpo
O cotovelo rugoso, os sovacos pálidos*

Os espaços sagrados entre os dedos dos pés

*Os operários que conhecem o horizonte
Que você guarda como um segredo*

*Sinto inveja da existência
Rápida e gloriosa dos operários
Que plantaram simetria na desordem
De Iulana Romiszowska*

*Os operários são ciumentos como eu
Um dia, quando ela estiver dormindo,
Vão escapar do seu corpo e me matar
Como quem pisa num galho podre*

Se eu tiver sorte!

O sr. Okuda-crustáceo-poeta faz uma reverência rápida e sai voando pela vidraça em direção à baía que brilha em tons de azul, reluzindo em milhões de minúsculos espelhos em movimento no fio d'água. Após sobrevoar a pequena réplica da Estátua da Liberdade de Odaiba, seu espectro se une ao movimento quase imperceptível dos carros e trens sobre a ponte de Tóquio até desaparecer na cidade. O eco de suas palavras morre rapidamente na paisagem.

Volto os olhos para Iulana Romiszowska, com alívio por ela não ter percebido o que acaba de se passar por aqui. Estico o braço pela mesa, ao que a estrangeira me interrompe com a mão aberta no ar.

— Não começa. Não olha para mim desse jeito...

— Que jeito?

— Assim. Com toda essa *ternura*.

— Qual o problema?

— O problema é que não gosto e pronto.

A fumaça da chapa sobe. Alimento o aparelho com mais pedaços de carne crua. Comemos em silêncio. Subitamente, Iulana estende a mão sobre a

grelha, como se fosse tocar a palma na superfície fervente. O sol parece brilhar mais forte do lado de fora do vidro que nos separa do resto do mundo. Uma moto passa pela rua fazendo barulho.

— Eu odeio a minha mão.

— Sua mão é bonita.

— Eu queria ter dedos finos como os das japonesas.

— Besteira. Eu tive uma namorada de Kyoto que tinha os dedos mais grossos do que um rinoceronte.

— Ou então dedos de pianista.

— Só pianistas precisam de dedos de pianista. E você não sabe tocar piano.

— Você gostaria que eu tocasse piano como aquela concertista? Eu sei que você achou ela bonita.

— Tanto faz.

— Claro que não! Imagine chegar em casa e ouvir uma peça de Rachmaninoff tocada pela sua mulher de camisola?

— Nunca pensei nisso.

— Pois deveria pensar, Shun. Você deveria procurar essa mulher, essa pianista japonesa e delicada. Porque com esses dedos grossos e feios, eu jamais...

A testa de Iulana Romiszowska se transforma num complicado jogo de ranhuras. Seguro sua mão esquerda, que ainda flutua perigosamente a poucos centímetros da chapa quente, e a envolvo entre as minhas como quem segura um pássaro morto. Tento me esquecer dos operários espalhados na pele de Iulana e beijo a ponta de cada um dos seus dedos, e o espaço entre eles, sem me importar com os outros clientes do restaurante que já concentram suas atenções na mesa do estranho casal. Um de nós diz:

— Vamos embora.

Enquanto esperamos o metrô, sob a vigilância das câmeras do submarino do sr. Okuda numa suspensa estação-girafa de concreto armado cheia de turistas vindos do interior, Iulana enlaça meu tronco como um polvo atacando sua presa. A montanha de carne e pele rosada então se abaixa e, quase com os

joelhos no chão, encosta sua cabeça no meu peito:

— O seu coração é meu, bebezinho Shun?

Separado de mim, de Iulana Romiszowska e da estação-girafa de metrô de concreto armado por oito horas e vinte e dois minutos na linha do tempo, doze outras estações que partem de Odaiba e 4543 metros de passarelas subterrâneas, está o Hyatt Regency de Shinjuku, um caixote de mármore marrom com janelas quadradas.

Vemos a fila de táxis parados na porta do hotel e, por trás da porta giratória, um mastodôntico lustre de cristal flutuando sobre o grande átrio. Vemos, na frente da *conciergerie*, sorridentes funcionários vestidos de negro, prontos para saudar qualquer visitante em cinco diferentes línguas. Vemos ainda, no acesso às suítes, quatro tubos de ensaio por onde sobem e descem os elevadores panorâmicos que nos levam até os corredores acarpetados do décimo segundo andar, onde, por trás da porta trancada do quarto 1212 com um aviso de “Não perturbe”, há um círculo de luz sobre uma mesa quadrada.

Esse círculo tem origem em outro, menor, postado pouco menos de um metro acima. Num corte lateral, vê-se que o círculo sobre a mesa é a base de um cone de luz que começa na sua superfície e termina num abajur de metal pendurado no teto. A fumaça produzida por um cigarro de palha corre pelo cone de ar opaco. O que sustenta o cigarro, antes de apagá-lo no cinzeiro que não vemos, é a mão direita do sr. Lagosta Okuda.

Não vemos o cinzeiro porque o cinzeiro está fora do círculo de luz sobre a mesa quadrada. Não vemos nada que não faça parte do cone de luz, e isso inclui a vista para as torres da prefeitura com ares de catedral cubista, para as três pirâmides do Park Hyatt e para o parque e o *skyline* de Shinjuku que veríamos se as cortinas estivessem abertas. E também deixamos de ver um telefone preto, os braços, as pernas, o tronco, o quimono e praticamente todo o corpo do meu pai, com exceção da mão direita, que agora leva o cigarro de

palha até o cinzeiro que não vemos. Nenhuma luz entra pela janela ou pelo vão da porta.

A mesa, o cone de luz, o cigarro, o quimono e o corpo do sr. Okuda estão num quarto acima de outros onze, empilhados uns sobre os outros, e abaixo de mais treze, igualmente posicionados sob o mesmo princípio vertical. O sr. Okuda não gosta de ter treze andares sobre sua cabeça e pensa todos os dias em ocupar outro quarto, mais alto do que esse onde há um círculo de luz sobre uma mesa quadrada.

Mas nesse momento outros temas têm prioridade. O sr. Lagosta Okuda está decidido a executar seu plano, que é acordar a dançarina Kazumi, que divide um apartamento em Meguro com Iulana Romiszowska.

Quando o telefone tocar, Kazumi não irá lembrar que sonhava ocupar o corpo de Iulana Romiszowska.

No sonho, o primeiro de que irá se lembrar em anos, Kazumi se olha (olha o corpo de Iulana) no espelho acima da pia do banheiro público 14B no acesso norte da estação de Shinjuku, a zero minuto na linha do tempo e 1690 metros do hall do Hyatt Regency, onde, onze andares acima, há um círculo de luz sobre uma mesa quadrada.

Kazumi levanta a blusa, e dois peitos muito maiores e mais pesados do que os seus aparecem impressos na lâmina fria do espelho. A dançarina sente o peso desses peitos grandes sobre sua coluna e uma leve ardência nos mamilos rosados. Antes que decida se o que sente é realmente dor, repara no olhar de Iulana, através do qual Kazumi se vê, presa no corpo da amiga.

É um olhar morto de boneca. *Seus* olhos nublados são como bolas de gude.

No momento em que Kazumi se assusta com esses olhos que a aprisionam por trás das órbitas, o sr. Lagosta Okuda termina de teclar seu número no telefone preto que não vemos.

O telefone toca arrancando Kazumi ao mesmo tempo 1. do sonho 2. do corpo de Iulana Romiszowska 3. do banheiro do acesso norte da estação de Shinjuku. Depois que ela acordar com o telefonema, o espelho do banheiro passará a refletir os azulejos da parede imóvel até que alguém volte para lá.

— Quem é? — Kazumi olha para o relógio digital que pisca 04:43 AM em

vermelho.

— Você sabe quem é.

— O que você quer?

— Você tomou alguma coisa para falar comigo nesse tom? Está louca?

— Desculpe, senhor. É que já é tarde.

— Eu ligo para você querendo dar boas notícias... Seus gatos mandam um abraço.

— Você fez alguma coisa com eles? Estão bem?

— Quero notícias de Shunsuke e da estrangeira.

— Amanhã acho que já terei alguma coisa. A gaijin anda calada.

— ...

— Ok?

— Você não está esquecendo de nada?

— Quando?

— Amanhã. Pode vir depois das seis da tarde.

— ...

— Não esqueça das cordas.

No colchão pouco acima do tatame de onde Kazumi fala ao telefone, Iulana Romiszowska tem o travesseiro sobre a cabeça. Do que disseram, só pode compreender a palavra “gaijin”. As luzes que piscam na fachada do prédio enchem o quarto de uma nuvem avermelhada. Lá fora, o asfalto molhado reflete as torres e vitrines em tons de prata.

Não demorei a descobrir que Iulana Romiszowska tem mamilos de criança, mas uma xoxota grande e larga como uma caverna, por já ter sido muito usada pelas dezenas de gaijin que estiveram ali antes. A mulher japonesa, mesmo se for a puta mais velha de Yoshiwara, é uma luva apertada. Mas a mulher europeia, como aprendi depois de conhecer Iulana, é oca. Não tem fundo.

Ter aquela mulher grande e oca me proporcionava uma sensação inédita de poder. Depois de Iulana Romiszowska, o sexo com mulheres japonesas parecerá incestuoso.

Ela não tem nenhum tipo de timidez. O sr. Okuda Crustáceo diria que quando ela tira a roupa é como se nunca houvesse vestido nada. Seu corpo é um conjunto de formas abstratas que se coloca sobre mim e se desfolha rapidamente.

Sinto o peso nas costas afundadas no tatame do meu quarto onde, conosco, estão todos os ocidentais que já usaram Iulana. Revezam-se, incorporados em mim. No fim de tudo, esse animal que é a estrangeira se levanta pingando entre as pernas. Expele o que carrega dentro de si sobre a minha boca e pescoço.

— Abre a boca, Shun!

E despeja a porra de todos esses homens no meu rosto, até que todo o quarto fique encharcado por uma calda pegajosa. Depois anda até a janela. Fecho rapidamente as cortinas.

— Para quê? Eu nunca fecho as cortinas da minha casa... Qual o problema que me vejam nua?

E vira o rosto para mim com ar perverso, a luz chapada da tarde sobre os peitos de marfim. O sr. Lagosta Okuda sussurra por trás do reflexo do vidro:

Você sabe...

Não haverá saída

Além de matá-la

O casal ganha intimidade. Passamos a nos tratar, em dias pares, como se fôssemos nossos pais: eu o dela, o diplomata melômano; e ela a minha mãe, tímida e morta.

Esse jogo leva a tardes inteiras de entrega e também a longos invernos, quando qualquer aproximação minha é recebida com asco profundo — ela já vomitou sobre o toca-discos e sobre o tampo da privada. Nessas horas, diz que não precisa de mim para nada na vida, que sou inútil e insuficiente para seus infinitos desejos, e insinua histórias do seu passado em terra estrangeira, contando sobre os ocidentais de diferentes tamanhos e cores que teria esfregado nos lábios e feito jorrar para dentro de todos os orifícios de seu corpo.

Minutos depois, pede desculpas com seu inglês bem articulado de universitária, diz que inventa histórias para conseguir minha atenção e, num ataque de ciúmes de ex-namoradas minhas criadas por ela, morde minha boca ou joga um liquidificador pela janela.

Também acontece de nos tratarmos pelos nomes trocados: ela me chama de Iulana e eu a chamo de Shunsuke. Assim contamos segredos terríveis um para o outro, segredos que prometemos no dia seguinte esquecer. Jamais conseguirei me livrar deles, registrados pelos gravadores do submarino instalado aqui em casa.

Iulana Romiszowska não terá o mesmo problema. Não se lembrará de nenhuma frase, pois não costuma dar muita importância ao que é dito pelas pessoas deste mundo, sempre recebendo minha resposta de forma obtusa, interrompendo o que digo com a mão aberta sobre a minha boca.

Já na primeira noite juntos no meu apartamento, sem termos combinado, dormimos com braços, pernas e tentáculos entrelaçados. Dois polvos

enredados em estranhas combinações, coordenadas por regras específicas mas não ensaiadas de, por exemplo, mudar a posição dos corpos no meio da noite.

(Quando eu estiver com os dedos da mão formigando e sentir necessidade de virar para o outro lado na cama, um movimento sutil descolando o meu braço da nuca de Iulana Romiszowska irá disparar uma série de passos complexos, e nós, em poucos segundos, voltaremos a nos abraçar em posição oposta: 1. o braço de Iulana sobre o meu peito, 2. a minha perna esquerda embaixo da sua coxa direita, 3. seu joelho esquerdo encaixado na minha perna esquerda, 4. as mãos dadas em encaixes geométricos, 5. o nariz da russa aquecendo um ponto específico da minha nuca.)

Numa dessas noites negras, cheias de deslumbramento e pânico, terei um sonho interminável enquanto Iulana Romiszowska me abraça por trás.

Nele, também estou deitado, mas na escadaria do Reiyukai Shakaden, abraçado à cabeça decepada do sr. Lagosta Okuda. A boca escura do templo ganha dentes sobre mim. Corro até cair no cruzamento de Roppongi, onde as artérias de neon transformam-se em chicotes que me golpeiam. Os negros, as putas chinesas e os estrangeiros bêbados arrancam com suas garras as cartilagens de concreto dos edifícios e atiram os pedaços contra mim. O chão se transforma numa esteira rolante em sentido contrário. Vejo que um gato de pelúcia com os olhos vazados destrói o viaduto com um enorme osso de metal. Quando as larvas começam a sair dos olhos do gato, que me faz perguntas em romeno, acordo com os dedos de Iulana Romiszowska ao redor de uma ereção.

Não demoro muito para perceber que é meu o pedaço de carne que ela envolve com a mão gelada.

Iulana aninha suas coxas nas minhas pernas e, sentada sobre os meus joelhos, de frente para mim, encara um ponto fixo entre os meus olhos. No meio das almofadas brancas dos peitos que escapam pela camisa entreaberta, revelando de quando em vez um mamilo rosa e distraído, há um cruxifixo. Penso o quão absurdo é andar com um homem seminu agonizante pendurado no pescoço, mas não digo nada.

Ela estica o braço sobre o meu pescoço e busca o revólver dentro da bolsa. Aponta para a minha testa e depois entre os bagos:

— De quem é esse pau duro, meu bebezinho Shun?

E afasta a calcinha para o lado. Num dos raros momentos em que Iulana me deixará dominá-la, a montarei por cima. Ela ficará com os joelhos juntos e dobrados, colados à cabeça inerte. Parece não sentir nada, apesar do meu esforço. Cedo ou tarde, algo acontece, pois a estrangeira começa a tremer e um filete de sangue começa a escorrer pelo canto de sua boca.

Talvez ainda esteja sonhando.

Porque agora caminho por um corredor escuro, e logo por outro, e não há mais sangue nos lençóis: Iulana Romiszowska agora é uma porta. Uma porta verde, com um caramujo esculpido no alto, uma pequena janela com uma grade de ferro, sete tiras verticais de madeira e, no meio, uma ferradura enferrujada.

Eu me abaixo, apoio as mãos espalmadas nos joelhos e olho pelo buraco da fechadura da porta que é Iulana. Vejo um galpão retangular com paredes brancas de pé-direito a perder de vista. Em frente às paredes, há dezenas de operários ocupados em fazer anotações e catalogar as obras de um museu que só exhibe quadros em branco. Encaram as paredes como crianças de castigo.

Quando acordo, definitivamente ou não, ela está em pé com as mãos na cintura, os pés arqueados para fora, o pescoço inclinado para a esquerda, a testa coberta pela franja loira, vestida com uma camisa minha com todos os botões abertos exceto o último, que cobre o sexo mal depilado de Iulana Romiszowska.

— Você dormiu demais, Shun!

Ela tem um cheiro diferente de todas as mulheres com quem já estive.

— Estou com fome, Shun!

Depois de passar pelo banheiro, ligo o aparelho de som e coloco um disco.

— Lembra que ouvimos isso quando tomamos café pela primeira vez?

— Acho que sim. Essa música combina com a manhã.

— Não é verdade. Combina com a madrugada.

O submarino capta alguns segundos de silêncio entre nós. Iulana

Romiszowska, como sempre, encara algum ponto fixo entre os meus olhos.

— Você não percebe? A voz do músico brasileiro João Gilberto é uma voz noturna.

— Como assim?

— Quando está muito tarde, a cidade está apagada e as pessoas estão em casa, você repara que elas falam naturalmente num tom baixo?

— Sim.

— É uma voz que só se usa com quem se tem intimidade.

— Shun?

— O quê?

— Talvez, um dia a gente possa se falar com as nossas vozes noturnas.

Faço café, torradas e frito dois ovos para ela. Não como nada disso, e sim arroz com ovo cru. Iulana faz cara de nojo e passa os dedos largos pela minha cabeça com ares de quem tem pena. A fumaça do café e do arroz, somada ao ar aprisionado com cheiro de mofo, faz a sala ganhar uma textura opaca. Sentados em cantos opostos da pequena mesa, nos olhamos em silêncio enquanto o músico brasileiro João Gilberto canta com sua voz noturna.

O que vemos agora, através do periscópio, é nosso primeiro café da manhã.

Naquele momento eu não saberia colocar desta forma, mas dormir com Iulana Romiszowska foi o suficiente para eu perceber que jamais voltaria a me acostumar com a solidão — desacompanhada ou não — de antes. Com esse apego, viria a suspeita de que o resto do mundo devia ter desaparecido, meu pai e o submarino, inclusive, enquanto estávamos ali dentro — suspeita que poderia ser graficamente representada por um halo escuro ao redor do apartamento.

Caminho até a varanda e abro a cortina, iluminando o ambiente.

Pela janela, vejo o traçado cinzento do bairro de Daikanyama, onde vivo num apartamento comprado pelo sr. Lagosta Okuda nos anos 1960, antes da valorização do lugar, hoje um aglomerado de galerias e cafés onde os *trendsetters* conversam sobre tudo o que pode haver no mundo que não me interessa.

Tudo *ainda* está lá.

Iulana Romiszowska tira a mesa, liga a água quente e vai lavar a louça. Ela agora não é uma porta, uma esfinge, um reflexo inexpressivo no espelho com olhos de boneca ou um galpão de quadros em branco, mas a mulher quase desconhecida e seminua a quem eu poderia oferecer, imediatamente, minha vida e minha morte.

Enquanto a estrangeira lava a louça, eu cheiro os dedos e sinto o ranço agridoce do corpo de Iulana Romiszowska. Tranco as fechaduras de casa, jogo as chaves pela janela e fecho as cortinas — quero transformar o mundo num halo negro para escapar dele e levar comigo Iulana Romiszowska. Essa é a única fuga possível: não sair do lugar.

Na noite daquela mesma manhã, caminharemos pelas ruas de Roppongi depois de uma sessão de cinema. Como Iulana Romiszowska é mais alta do que eu, andar de mãos dadas é um inconveniente: a minha mão sempre ficará abaixo dos dedos grossos de Iulana, o que me obriga a suspender sutilmente o antebraço para alcançar a palma da mão daquela mulher. Após alguns minutos, esse arranjo se torna desconfortável e prefiro então envolver a cintura da minha acompanhante com o braço, sempre cuidando para estar do lado mais alto da calçada.

Iulana Romiszowska, que ignora esses estratagemas, repara num exótico letreiro de neon no sexto andar de um prédio.

— O que é aquilo, Shun?

— É um café egípcio.

— Eu quero ir ao café egípcio. Você me convida?

Olho para o relógio, vejo que já é amanhã. Digo que sim com a cabeça — provavelmente nunca mais trabalharei em qualquer dia seguinte. A porta do elevador se abre para uma antessala escura onde um porteiro gordo de chapéu-coco nos saúda ao abrir uma porta acolchoada. O café compõe-se de um único ambiente, com sofás baixos e almofadas no chão. Nas paredes, há espelhos emoldurados por fios de neon sob arabescos riscados no teto. Num canto, uma *jukebox* toca J-pop em alto volume.

Em toda parte, gente bêbada conta algo que nunca contou antes.

Sob a nuvem de fumaça gerada pelos narguilés, pedimos chá-verde e tabaco de morango. Iulana suga o ar pela mangueira e solta a fumaça pelas narinas dilatadas, com a familiaridade de uma profissional. Me orgulho da aparência dessa mulher, 1. como se seu corpo, penteado, traços e roupas não apenas me pertencessem, mas *fizessem parte* de mim, 2. como se todos os

olhares para Iulana Romiszowska estivessem apontados na minha direção, 3. como se as pequenas calcinhas da polonesa se infiltrassem em cantos escondidos da minha carne, seus elásticos deixassem marcas na minha pele — e, finalmente, 4. como se suas lembranças me pertencessem por direito.

O pensamento de que sempre haverá novas lembranças dessa mulher a serem restituídas a mim me causa um ligeiro tremor quando Iulana me passa a piteira do narguilé. Ela é um poço de experiências fora desta ilha, e com incontáveis estrangeiros. Talvez um deles seja o ocidental vestindo uma puída jaqueta de couro que se aproxima do sofá onde estamos sentados e diz o nome de Iulana Romiszowska, com a pronúncia perfeita que eu jamais serei capaz de entoar.

— Sim? — Ela evita olhar para cima.

— Lembra de mim?

— Quem é você?

— Não se lembra de mim?

— Não te conheço.

O homem de jaqueta de couro encara Iulana Romiszowska em silêncio, enquanto termina de beber o copo de uísque que traz na mão esquerda. Depois de trinta e cinco segundos medidos pelo submarino, abandona o copo vazio na mesa antes de dar meia-volta e desaparecer.

— Quem é esse homem?

— Não sei.

— Você sabe.

— Não sei, Shun!

— Você sabe quem ele é. Eu sei que você sabe, e você sabe que está mentindo para mim. Por que você mente para mim?

— Você é louco.

— Você é uma puta.

Bang! Iulana Romiszowska vira a minha cara com um sopapo, joga o narguilé no chão e o chá quente na minha roupa. Minutos depois, os transeuntes da calçada onde há poucos minutos Iulana Romiszowska havia perguntado “O que é aquilo, Shun?”, apontando para um luminoso exótico no

sexto andar, irão se esforçar para fingir que não veem um homem com o terno molhado agarrado aos joelhos de uma gaijin, arrastando-se pelas calçadas a pedir perdão e dizer que a ama.

Há quatro dias e meio não lavo as mãos.

Hoje entrei no chuveiro com luvas de plástico e elásticos nos pulsos. E também usei luvas para comer, manipular dinheiro, telefones, o passe de metrô, apertar o botão dos elevadores, digitar nos computadores de casa e dos cafés.

Protejo minhas mãos porque entre a carne dos meus dedos e as minhas unhas há uma batalha silenciosa entre as partículas de Iulana Romiszowska e as partículas do planeta Terra. As partículas do planeta Terra tentam expulsar as partículas de Iulana. O cheiro da sua calcinha e das suas duas cavidades dura exatamente quatro dias e meio nos meus dedos.

Depois, desaparece. E eu preciso encontrá-la de novo.

— O que é isso nas suas mãos?

Aqui está ela, na mesma imitação ordinária de Dunkin' Donuts perto da estação de Shinjuku aonde viemos quando ela ainda era a mulher que iria suceder Misako e onde ouvimos juntos, pela primeira vez, o músico brasileiro João Gilberto cantar com sua voz noturna. Hoje Iulana quer que eu a leve a Akihabara porque quer comprar uma câmera fotográfica.

— Por que você quer uma câmera?

— Para que seria? Cavar um buraco? É claro que é para tirar fotos, Shun.

— Do quê?

— Eu quero tirar fotos daquela ponte em Marunouchi, onde passamos ontem.

— A ponte de Towiwabashi. O que tem lá?

— Eu gosto da cor do reflexo da água no viaduto.

— Você vai comprar uma câmera fotográfica só porque gosta de uma cor?

— Você vai me ajudar ou não?

Pegamos o metrô. Sob os olhares enviesados da multidão (imaginam que Iulana é uma daquelas modelos russas que terminam como putas no Japão, e eu um *salaryman* com paladar exótico), peregrinamos rumo a Akihabara. Iulana prefere viajar de pé. Eu apoio o peso do meu corpo no guarda-chuva. Na nossa frente, um adolescente muito concentrado digita algo num telefone. Do outro lado, um casal de velhos joga sudoku em dupla. Os monitores de cristal líquido anunciam produtos, as próximas estações, as condições meteorológicas. A chuva deve cessar antes de chegarmos.

O trem para.

A paisagem que vemos pela janela deixa de ser um desconjunto de traços horizontais para se congelar em contornos iluminados por trás da chuva. Ao lado do pontilhão por onde passa a linha Yamanote do metrô, há uma muralha de edifícios e galerias comerciais. No topo de tudo, um grande outdoor anuncia sopa em tubos de neon. O único conjunto de janelas sem cortinas fechadas ou vidros escurecidos é o do quinto andar do edifício curvo à direita. Ali, um grupo de pequenas bailarinas ensaia uma coreografia no centro da sala, enquanto outras alongam as pernas numa barra de metal. O movimento das meninas é tão *puro* que penso em cutucar o ombro de Iulana Romiszowska e compartilhar as bailarinas com ela.

O caminho da minha mão até seu corpo é interrompido quando, depois de um solavanco, a composição volta a se movimentar. Num instante, as bailarinas deixam de existir.

Iulana Romiszowska sobe no degrau da escada rolante da BIC Camera à minha frente. Veste o short curto da moda que as mulheres japonesas usam com normalidade e que nela fica completamente obsceno. Como Iulana não é capaz de entender um décimo do que se passa a sua volta, não percebe os olhares que desperta, os comentários grosseiros dos velhos, as piadinhas dos colegas.

Desejo que esses conspiradores morram todos soterrados numa explosão no metrô.

O quinto andar da loja de departamentos é o pandemônio usual de sinais eletrônicos, *jingles* e corredores a perder de vista, um para cada marca de

aparelho. Tudo está etiquetado: a marca, o modelo, o preço. Não há hora do dia ou da noite em que o lugar não esteja lotado de pessoas, também carregando etiquetas mais ou menos visíveis em suas roupas, sapatos e bolsas.

Enquanto me distraio com uma câmera com detector de movimentos acoplado ao obturador, Iulana descola sua cintura da minha mão esquerda e faz um movimento de desaparecimento que só percebo minutos depois, quando uma criança de boné puxa a barra da minha calça e me estende um jogo eletrônico.

Ela quer mostrar algo que pisca na pequena tela e eu quero que ela volte ao útero de onde saiu. Onde está Iulana? Como alguém que cochila de madrugada no sofá com a TV ligada, desperto num sobressalto desagradável e começo a buscá-la com os olhos entre as prateleiras iluminadas da loja de departamentos. Uma ideia me causa alívio imediato: não vai ser difícil encontrar Iulana Romiszowska, mesmo no meio da multidão, porque ela é pelo menos dez centímetros mais alta do que todos nós.

Não é o que acontece. Depois de quinze minutos, considero a hipótese de pedir que anunciem o nome de Iulana Romiszowska no sistema de som da loja. Seria um fracasso: a funcionária não conseguiria pronunciar o nome nem se eu escrevesse os fonemas num papel. E Iulana tampouco entenderia a mensagem. Estamos ilhados um do outro e passo a considerar outras possibilidades: Iulana simplesmente pode ter desistido de estar ao meu lado.

Se essa for a verdade, será impossível recuperá-la nesta cidade interminável. Não tenho o endereço dela e Iulana Romiszowska parou de trabalhar no Abracadabar, o clube onde a conheci no quarto andar de um prédio da década de 1970, num dos principais acessos de Kabukicho — desde que começamos a nos ver com frequência, passei a lhe pagar o dobro do salário que ela ganhava para que não trabalhasse mais e passasse as noites comigo.

Antes de acionar o submarino, o que me faria voltar a conviver com o sr. Lagosta Okuda, eu poderia fazer uma busca pelos clubes parecidos com aquele, que são milhares num raio de poucas quadras — em alguns casos,

dezenas dentro do mesmo andar em edifícios degradados ou fundos de galerias em áreas sombrias do bairro. Além disso, ela poderia começar a trabalhar como garçonne num bar de acompanhantes, mas num Wendy's, num Starbucks, num pub irlandês ou sabe-se lá onde.

Ou, ainda, começar a alugar seu corpo, o que me jurou que nunca tinha feito desde que chegou ao Japão. Poderia fazer isso com imediato sucesso numa das boates de Ginza que oferecem mulheres ocidentais do Leste Europeu.

Haveria ainda opções intermediárias: 1. servir bebida sem calcinha num bar com espelhos no chão, 2. vestir-se de professora e dar de mamar a senhores vestidos de bebê, 3. cobrir-se com um *collant* de couro com uma fenda na parte de baixo e defecar sobre seus clientes (só poderia comer arroz e peixe caso se dedicasse a isso), 4. frequentar um clube de *swing* e alugar-se para casais, 5. vender seu tempo dentro de uma vitrine e conversar seminua com homens pelo interfone enquanto estuda japonês, 6. especializar-se em inversão e inserir falos de borracha e a própria língua em jovens sentados de cócoras numa cadeira de metal anatomicamente projetada para esse objetivo.

Ou poderia, finalmente, voltar para sua cidade natal ou para os países da Europa onde viveu e assim retomar seus antigos amantes em Constanta, cidade portuária do mar Negro, ou em Bucareste, onde estudou história da arte, ou em Paris e em Berlim, onde morou antes de vir para Tóquio, e em cada uma dessas cidades reencontrar os homens que ainda guardam na memória o toque de seus dedos e de sua língua.

Quando estou numa das esquinas de Akihabara, o sr. Lagosta Okuda surge perguntando por Iulana sob a macarronada de neon onde gordinhas vestidas com saias rodadas de renda, aventais brancos, meias soquete e arcos na cabeça distribuem propagandas de *maid cafés* para os tarados juvenis que compram e vendem sucata eletrônica nas calçadas.

O sr. Okuda-Crustáceo, ignorado pela multidão, me lembra um daqueles sujeitos que vestem roupas de pelúcia em parques temáticos. Ele sobe num exaustor e começa sua cantilena:

*Pergunte-se, Shunsuke, meu estorvo
O que eles diriam em romeno
Primeira língua neolatina
Criada às margens do Danúbio
Depois que os romanos lá esqueceram
O latim que se mesclou com o dácio,
O léxico eslavo e verbos balcânicos?*

Depois que papai grunhe essas frases sem sentido, percebo que, do outro lado da rua, alinhado à multidão que espera o sinal abrir, está o enorme olho do monstro Gyodai, aumentador de monstros do império interplanetário Daiseidan Gozuma.

*O que eles diriam em romeno
Essa língua áspera e seca
O que ela diria (disse, dirá)
Com as mãos ocupadas
De joelhos cravados no chão*

A olhar para cima?

Ao redor do enorme olho, há o que parecem ser os lábios de uma boca aberta que ocupa todo o rosto em forma de losango do monstro Gyodai. E não apenas lábios, mas dentes afiados e camadas sobrepostas de cartilagem exposta. Seu corpo é coberto por escamas marrons e tem a altura de um ser humano japonês médio, e a largura de três seres humanos japoneses médios. As duas patas do monstro aumentador de monstros do império interplanetário Daiseidan Gozuma são grossas e desprendem gosma pelas calçadas. Seus braços são duas longas garras de gafanhoto que o monstro usa para se equilibrar, como se fossem bengalas. Subitamente, o monstro Gyodai aponta na direção do sr. Okuda enquanto solta um raio multicolorido do seu grande olho e diz:

— Gyodai, yai, yai, yai.

O sinal abre, liberando a fúria pedestre da multidão, e o monstro Gyodai se vê isolado no meio-fio. Prevendo as nefastas consequências daquele olho apontado para meu pai, corro em direção a Gyodai e, na metade da rua, percebo que é tarde demais. O canhão de luz azulada projetada sobre o sr. Lagosta Okuda tem efeito imediato: o velho vira os olhos e treme como se sofresse um ataque epilético. Depois, começa a crescer pelos pés numa expansão que também afeta suas pernas, tronco, braços, cabeça de lagosta e antenas arrastando-se pelo chão.

Papai em poucos segundos ultrapassa a altura dos luminosos no topo dos prédios de Akihabara.

Os passantes só percebem o que ocorre quando o peso do sr. Lagosta Okuda faz com que o asfalto ganhe uma rachadura que rapidamente se espalha por quarteirões. A cena é inaugurada por um grito de mulher. Alguns apertam o passo, mas a maioria não se move. Olham para cima enquanto fotografam e filmam meu pai com seus telefones celulares e câmeras digitais.

Parecem aliviados: finalmente, pela primeira vez na sua vida, *algo* está acontecendo. Algo *real*! Essa sensação deve valer o risco de ter o corpo esmagado pelos pés, antenas e gestos imprudentes do sr. Okuda.

Ao contrário da multidão juvenil, os velhos, sobreviventes de um mundo pré-ocidental e purificado, em que ainda existiam coisas como sombras, ponteiros, bandeiras, bombas e a fome, saem correndo despudoradamente pelas calçadas, carregando ruínas dentro de si.

Um grupo de adolescentes ao meu lado diz coisas como:

— Uau! Será a divulgação de algum filme? Olha que bacana! Ele é *realmente* muito legal!

Ainda que os edifícios sejam derrubados ao seu redor, e que das janelas quebradas das construções de isopor se atirem seres humanos, e que os luminosos da avenida se espatifem no asfalto criando um tapete de pequenos cristais e sangue, os *otaku* continuarão na ponte do cruzamento de Akihabara tirando fotos do desastre com os braços estendidos. Vão registrar as imagens da sua própria morte.

Em dois dias, a polícia vai encontrar as fotografias, quando conseguir separar da massa ensanguentada de carne intactos cartões de memória dentro de câmeras esmagadas, como se eles fossem órgãos de ciborgues infiltrados na multidão.

O monstro Gyodai olha satisfeito para a sua obra de setenta metros de altura e, antes que seja cercado por um grupo de jovens *otaku* buscando autógrafos e retratos, sai correndo dali em passinhos apressados, apoiado em seus braços-bengalas. O sr. Lagosta Okuda Crustáceo Gigante volta a entoar sua poesia, agora com uma voz ensurdecidora que arrebenta as poucas vitrines e janelas que ainda restavam intactas:

*Quais seriam as palavras
Que ela diria com sua voz noturna
Os ossos arrebitados contra os suores
Dos homens a invadir suas entranhas?*

*Quais seriam, precisamente,
As palavras secretas
De Iulana Romiszowska?*

É hora de acalmar o sr. Okuda. Empunho um megafone e digo a ele que, sem levar em conta a hipótese de que Iulana Romiszowska viesse a sair de Tóquio e se livrasse da vigilância do submarino, o próximo homem pode, nesse momento, estar em qualquer lugar da cidade. Podemos, inclusive, cruzar com ele na rua, sentar no mesmo café, dividir o mesmo vagão de metrô. Estamos sob a mesma atmosfera, o sol que bate em meu rosto é também o seu sol, as luzes e as cartilagens de concreto que nos envolvem são as mesmas.

Ele, o próximo, esbarraria com Iulana na saída de um cinema e diria algo educado para depois de alguns encontros furtivos explorar a pele da nossa mulher num *love hotel* numa ladeira de Shibuya. E ela voltaria para casa com os cabelos molhados, segurando nos braços um buquê de lírios brancos como quem segura um bebê.

Sim, sr. Okuda, certamente haverá de existir alguém cujas formas encaixem melhor nas lacunas de Iulana Romiszowska do que as nossas, cujo temperamento seja mais adequado aos seus silêncios e vontades, outro a posar com o braço no ombro dela em intermináveis fotografias que ela pendurará, talvez carregando um filho entre as vísceras, na parede desbotada do seu quarto, na cabeceira da cama do seu apartamento em Meguro, onde nunca estive.

Eu grito: “Onde nunca estivemos, senhor Okuda Crustáceo”. Apesar do grampo telefônico, da mesada paga à dançarina Kazumi e das câmeras instaladas pelo submarino comandado pelo sr. Suguro Shibata, professor da Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji.

Quando faço o sr. Lagosta-Gigante Okuda enxergar que as possibilidades são infinitas, ele, como esperado, ganha uma *grande* ereção por baixo do quimono.

É quando começa a destruir Tóquio de verdade.

Perseguido pela multidão de adolescentes, meu pai caminha na direção de Ueno, dando eventuais patadas no viaduto por onde passa a linha de metrô, arrastando pelos tamancos postes derrubados e fios elétricos. Dentro das casas de *patchinko*, milhares de sonâmbulos entregues às máquinas são

despertados pelos estrondos. Muitos morrerão ali mesmo, encarando bolinhas de metal.

Quando anoitecer, eu e o sr. Lagosta Okuda já teremos parado de contar os mortos.

O telefone que pisca às seis da manhã no celular do sr. Suguro Shibata, professor da Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji, é o de um velho conhecido que lhe telefona todas as terças-feiras no mesmo horário.

A encomenda desse velho conhecido de Suguro é, também, sempre a mesma: um fugu inteiro. Não um fugu criado em aquário, com alimentação controlada e banhado em antibióticos, mas um fugu selvagem. Hoje, o fugu #572 do lote 09.4509.

Os fugus só podem ser comidos depois que suas partes venenosas são cuidadosamente removidas por especialistas licenciados como o sr. Shibata. O fígado, os ovários e parte da pele dos fugus contêm índices letais de tetrodoxina, substância mil e duzentas vezes mais mortal que o cianeto. Um fugu médio tem veneno suficiente para matar trinta seres humanos, daí o cuidado extremo em cortar e limpar corretamente o peixe, o que o sr. Shibata ensina há vinte e três anos na Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji.

A repórteres estrangeiros, o sr. Shibata costuma afirmar, com indisfarçada satisfação, que o primeiro sintoma desse envenenamento é uma dormência nos lábios e na língua que costuma se manifestar entre vinte minutos e três horas depois da ingestão do baiacu. Em seguida, o formigamento passa ao rosto e às extremidades do corpo. Daí, dores de cabeça, de estômago, náusea e vômitos costumam ocorrer. O envenenado sente dificuldade para falar, andar e respirar. Sua pele fica azulada e a pressão arterial cai. As pupilas se dilatam e os músculos se contraem. O envenenado fica totalmente paralisado, ainda que continue lúcido até morrer, o que acontece em quatro a seis horas, em média. A morte se dará por paralisia dos músculos respiratórios.

Não há antídoto conhecido para o veneno, o que fez com que o consumo do fugu fosse proibido durante o shogunato de Tokugawa e durante a Era

Meiji. Até hoje, o fugu é a única comida que não pode entrar no cardápio do nosso imperador, diz Suguro. E continua seu texto decorado: hoje em dia, por causa do trabalho cirúrgico de órgãos como a Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji, é possível comer o peixe sem nenhum perigo.

Todos os dados que Suguro enumera tornam seu trabalho ainda mais importante. Ele jamais comenta sobre os avanços na pesquisa marinha que concluíram que a tetrodoxina do fugu vem de bactérias ingeridas pelo peixe, que, quando criado em ambiente controlado, pode ser cem por cento seguro. Aceitar isso e os fugus “limpos” que vêm de Utsuki, cidade de Oita, seria reconhecer que a longa e tediosa tarefa de limpar o fugu com precisão tem os dias contados. E não só ela, mas a importância e o sentido da existência dele mesmo, sr. Suguro Shibata, professor da Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji.

Felizmente, ainda há pessoas que entendem a importância de um fugu selvagem, e não por acaso uma delas é o sr. Lagosta Okuda. O pedido da semana é igual a todos das últimas três décadas.

Com o trabalho dos peixes e de todo o serviço de espionagem relacionado com o submarino, o sr. Shibata compra discos de ópera e faz aulas particulares de canto lírico com um professor estrangeiro que mora num apartamento em Omotesando pago por ele. Nem a mulher ou os filhos de Suguro sabem disso.

É engraçado como começa a subversão, pensa Suguro. O dinheiro ganho fora da lei acompanha o desejo de gastá-lo com atividades depravadas como a ópera, o canto, o jovem mestre italiano, infinitas encenações de *Madame Butterfly* a dois. Se o sr. Okuda não o tivesse corrompido, Suguro jamais teria tido a coragem de se envolver em tais atividades. A culpa, conclui secretamente em seus trânsitos de metrô até o apartamento em Omotesando, é do sr. Okuda. A culpa é de quem teve a ideia de ir contra o que seria correto. E essa ideia não partiu de Suguro.

É o que nos une, eu, a boneca Yoshiko, a dançarina Kazumi e o sr. Suguro Shibata, professor da Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji: temos o mesmo corruptor.

25.

Eu entendo muito pouco. É por isso que insisto e escrevo essas cartas: se não conseguir as respostas certas, pelo menos quero fazer boas perguntas.

Posso dar exemplos da minha incompreensão. Certamente vão parecer ridículos e sem propósito para vocês, muito mais velhos neste mundo do que eu.

Quando um interruptor é aceso e uma lâmpada se ilumina, nunca entendo como a luz sai da tecla que se aperta com os dedos e chega ao abajur. A TV é ainda mais incompreensível, pois não traz só a luz, mas som, cores e imagens em movimento. Imagino que tenham origem em algum lugar, não muito longe daqui, mas como chegam até o aparelho? Sinto que sou verdadeiramente idiota, pois os seres humanos da nossa grande nação, acostumados com a tecnologia, certamente dominam todos esses processos e não ficam o tempo todo se perguntando como os objetos se acendem e se apagam ou como o som de uma voz chega através do ar até um aparelho de telefone.

O sr. Okuda me ensinou num de seus poemas o significado da palavra “sobrenatural”, e para mim esses aparelhos são todos sobrenaturais, como eu mesma.

E não apenas os aparelhos, mas os seres humanos tampouco me parecem compreensíveis. A cada dia, eu entendo menos tudo o que me cerca. Tento formular melhor as perguntas, as perguntas certas, mas as respostas estão cada vez mais longe de mim, como se as perguntas e as respostas fossem ímãs invertidos que se repelissem.

Não entendi quando a estrangeira de peitos grandes e cabelos loiros começou, há alguns meses, a frequentar essa casa e a falar com o sr.

Okuda numa língua ininteligível em longos encontros com a porta fechada. Nesses dias, meu mestre me mandava ficar dentro da caixa.

Inicialmente, foi o que fiz, mas depois comecei a desobedecê-lo. Certo dia espiei pelo canto da porta entreaberta e vi a estrangeira movendo-se sobre o sr. Okuda, e movendo-se de uma forma que eu jamais seria capaz, pois quando estou com o sr. Okuda, ele é que se move. Eu sempre me mantive quieta e calada. Mas a estrangeira não. A estrangeira se move.

Depois o sr. Okuda pegava umas folhas de papel na caixa de marfim sobre a mesa, e entregava à Iurana, que é o nome estranho com o qual meu mestre a chamava. No início, achei que era dinheiro. Depois percebi que não era nada disso. O sr. Okuda a presenteava com manuscritos, mas que valor teriam para aquela mulher?

Meu corpo de silicone mede cento e trinta centímetros e pesa apenas vinte e um quilos. Sei que a estrangeira pesa mais que o dobro e tem ao menos quarenta centímetros a mais do que eu. Talvez o sr. Atsuo Okuda esteja atrás desses quilos e centímetros a mais, o que me faz sentir insuficiente e inadequada já que meu modelo não comporta aumento de peso ou altura. Se meu mestre tem preferência por outras medidas, eu nada posso fazer para agradá-lo.

Há o que possa ser aperfeiçoado e até trocado em meu corpo, como os cabelos, a largura e a profundidade do meu sexo, o tamanho e o comprimento dos meus dedos e unhas, e até os meus seios, o diâmetro e a cor dos meus mamilos, mas eu jamais poderia compensar essa diferença de altura e peso. Nem posso falar que minha desconformidade é irreversível porque nunca tive o que recuperar.

Além disso, até que ponto uma mudança nas medidas do meu corpo não faria de mim outra — já que eu sou o meu corpo e o meu nome Yoshiko? Quanto eu deveria engordar ou crescer para deixar de ser quem sou e me transformar em outra? Qual seria essa fronteira?

Quando penso no sr. Okuda ao lado dessa mulher com medidas impossíveis para mim, sinto um foco de calor preciso dentro do meu

corpo, como se alguém houvesse acendido um fósforo no meu peito. Fico inquieta e incapaz de cumprir minhas tarefas domésticas, ler ou ver televisão. O único pensamento capaz de me tranquilizar é imaginar o retorno do sr. Okuda para mim. Mas no momento seguinte o sr. Okuda não bate a porta, nem no próximo nem no que vem depois, e o que chamam de “agora” demora a passar e sinto uma grande repulsa a tudo.

A única forma de parar com isso seria desaparecer.

E desaparecer seria ser fechada na caixa de onde vim e perder meu nome Yoshiko, e ficar sozinha no escuro até que eu me misturasse com o escuro e não soubesse o que era o escuro e o que era eu, e assim perder a consciência do meu corpo e com ela o meu corpo, que é o que eu sou, porque eu sou o meu corpo e o meu nome Yoshiko.

Mas há uma segunda ideia que me alivia e me dá enorme prazer sempre que corto o peixe venenoso para o meu mestre. É a de matar o sr. Okuda. E fazer o agora deixar de passar também para ele.

Os homens de terno e comunicadores na orelha na porta do Regency Hyatt de Shinjuku reconhecem Kazumi, a dançarina mais lucrativa do Abracadabar, cobiçada pelos clientes, pelos gerentes e pelos clientes e gerentes das outras casas da rua, cuja dança particular ou a simples companhia na mesa por trinta minutos chegam a custar centenas de milhares de ienes, e a deixam subir sob olhares enviesados.

O elevador ganha os doze andares do hotel, silenciosamente, como se não saísse do lugar.

Kazumi respira fundo, desliza os dedos pelos cabelos longos, ajeita o vestido de couro em oposição ao seu reflexo e, antes do que esperava, vê as portas espelhadas se abrirem, fatiando seu corpo em partes iguais. Ela sai para o hall de paredes acarpetadas e luzes embutidas no teto, anda até a escada de incêndio e empurra uma porta de metal que se abre com um clique seco. Depois de dois lances de escada, aperta um botão no extintor de incêndio que abre um pequeno vão na parede.

A dançarina Kazumi se abaixa e sente um arrepio percorrer suas costas quando a porta bate atrás de si. Ela tateia as paredes escuras com as mãos pequenas e muito brancas, desliza os pés hesitantes por um túnel inclinado. O lugar cheira a líquido de bateria. Kazumi desce o que seria a metade de um andar quando é cercada por uma luz intensa que fecha suas pálpebras.

O mundo fora das fronteiras de aço e vidro daquele arranha-céu parece subitamente irrecuperável.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu vim ver o senhor Atsuo Okuda.

— O senhor Okuda não nos informou da sua vinda.

— Olha, se você não me deixar passar, vai ter problemas.

- Que tipo de problema?
- O senhor Okuda precisa de mim.
- Você precisa me dizer o que veio fazer aqui.
- Não estou autorizada.
- Por quem?
- Pelo senhor Okuda!
- Hum.

- E você pode ser alguém que ele mandou para me testar.
- Tenho ordens de não deixar ninguém não identificado passar.
- É mentira. Isso nunca aconteceu comigo.

— Você sabe que hoje as circunstâncias são diferentes. Você não ficou sabendo do *desastre*? Está em todos os jornais. Ele destruiu quarteirões inteiros.

- Não importa. Eu cumpro ordens.
- Eu também.

— Até quando vamos ficar aqui perdendo tempo? E você pode tirar essa luz da minha cara? Ela está me incomodando.

A luz pisca três vezes e diminui de intensidade. As pupilas de Kazumi demoram a adaptar-se até que decodificam a imagem do seu cêrbero opositor. O porteiro que a impede de caminhar é uma Máquina que Vende Cigarros.

— Ei, você está aí dentro? — Kazumi bate com a mão espalmada nos botões da Máquina.

- Eu *sou* a Máquina. Não me machuque.

À medida que os fonemas saem do painel de acrílico, as luzes que iluminam as marcas multicoloridas de cigarro piscam alternadamente. O rosto de Kazumi e o túnel estreito são cobertos por essa luz difusa.

— Por que estou aqui conversando com uma Máquina de Vender Cigarros?

- Eu poderia fazer a mesma pergunta.
- Deixa eu passar, por favor.
- Você faria o que para passar por mim?
- Eu poderia tirar você da tomada.

— Não seja idiota. Eu posso ser qualquer coisa. E você sabe disso, Kazumi...

— Como sabe o meu nome?

— Você é muito famosa entre nós, aqui no submarino.

— Por quê?

— Entre outras coisas, porque tem proporções geometricamente exatas. Todos os triláteros que compõem o seu corpo têm dimensões e ângulos euclidianamente exatos até a milionésima casa decimal. O que atrai os homens e as mulheres em você são equações matemáticas: você é um conjunto de polígonos milagrosamente harmonioso, o único do gênero humano com esse nível de precisão geométrica.

— Isso é uma idiotice!

— Não é. Você sabe que você não é exatamente bonita. Ou que não é mais do que suas colegas no clube. Ainda assim você é um sucesso. Isso acontece porque os homens precisam de geometria, ainda que não saibam.

— Você é louco.

— E você é uma aberração entre os seres humanos, a única mulher perfeitamente proporcionada do planeta, conversando com uma Máquina de Vender Cigarros. Como você se sente em saber que tudo o que você é se resume a um conjunto de medidas? Você é o seu corpo, mais nada.

— Cala a boca!

— Eu posso te dizer a data em que você vai morrer. Você quer saber?

— Claro que não.

— E se eu lhe disser somente o dia e o mês?

Um som forte de microfonia interrompe a conversa e dá espaço à voz do sr. Okuda, que ressoa pelo corredor. Meu pai diz que a Máquina pode deixar Kazumi passar. Sem questionar a ordem do sr. Okuda, a Máquina de Vender Cigarros sai do campo de visão do nosso periscópio levada por suas rodinhas metálicas até uma porta pantográfica lateral. A dançarina Kazumi volta a ficar no escuro e agora precisa apenas dar dois passos até entrar no quarto 1212, ocupado pelo sr. Okuda.

— Como o senhor consegue passar por ali? Se eu mesma tenho que me

abaixar...

— Depois do desastre de ontem, não preciso mais entrar por ali.

O sr. Okuda se mantém estático em meio à penumbra. A dançarina Kazumi, como nós, não pode ver nada que esteja fora do cone de luz que começa na superfície da mesa e termina no raio inferior de uma cúpula de metal pendurada no teto. Isso inclui um telefone preto, os braços, as pernas, o quimono, o tronco e praticamente todo o corpo do sr. Okuda, com exceção de sua mão direita, que agora leva o cigarro de palha até o cinzeiro, que, como Kazumi, não vemos. Nenhuma luz entra pela janela ou pelo vão da porta.

A fumaça produzida pelo cigarro de palha corre pelo cone de ar opaco. O que sustenta o cigarro, antes de apagá-lo no cinzeiro que não vemos, é a mão direita do sr. Okuda.

— Onde está a estrangeira?

— Senhor Okuda, eu lhe asseguro que a gaijin está com Shunsuke na mão. Seu filho está completamente apaixonado por ela. E ela por mim. Ou seja... É questão de tempo até Iulana Romiszowska convencer Shunsuke. Então nosso domínio será total.

— O seu discurso é tão perfeito que eu chego a desconfiar. Você tinha me prometido avanços para semanas atrás. Agora a garota desapareceu em Akihabara.

— Mas, senhor, estou dizendo a verdade. O senhor logo terá Shunsuke de volta, em casa, junto ao senhor e à boneca Yoshiko Okuda. E Iulana Romiszowska também.

— Não gosto que chamem a senhora Okuda de boneca.

— Perdão, senhor!

— Kazumi, a sua presença aqui me deixa num grau de excitação enorme. Não fico tranquilo.

— Eu posso fazer o que o senhor desejar. As cordas...

— Chega dessa brincadeira, Kazumi. Eu sei que Iulana Romiszowska não te procurou depois que sumiu.

— ...

— Você tem alguma pista de onde está a estrangeira?

— ...

— Lembra daquele sonho que Iulana te contou?

— ...

— Eu sei que você está acobertando a russa. Você acha que eu sou um idiota como o meu filho? Vai ser hoje, Kazumi.

— Por favor, não!

— E vai ser filmado pelo submarino. Você sabe que, depois do que aconteceu, ficarei um tempo sem poder sair desse quarto. Mas, assim mesmo, vou poder ouvir e ver tudo, Kazumi.

— As cordas, senhor...?

Meu pai ignora as súplicas de Kazumi. O sr. Lagosta Okuda tecla uma sequência de números no telefone preto fora do cone de luz que se projeta sobre a mesa quadrada que há por trás da porta trancada do quarto 1212 do Hyatt Regency de Shinjuku, e chama o sr. Suguro Shibata, professor da Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji.

— Os garotos, Suguro.

Quando o foco da lente converge para o centro do tatame, vemos o sr. Suguro Shibata, professor da Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji, sentado em um pequeno banco, as costas eretas em ângulo reto com a tábua de madeira polida. Seu tronco é iluminado pela tarde que desenha traços em diagonal no quimono e nas paredes recém-pintadas. Ao seu lado, está o professor estrangeiro que lhe ministra aulas de canto no apartamento secreto. O italiano, antes de sentar-se no chão da *garçonnière* em Omotesando, manda o grupo entrar.

O italiano os recrutou na rua, mas é o sr. Shibata quem será o responsável pela seleção dos garotos. Dos trinta e dois que agora se aboletam ao redor do banco de madeira, serão escolhidos apenas oito. Em troca de um maço de notas que o sr. Shibata tirará da sua pasta de alumínio, eles serão responsáveis por reencenar em Kazumi o sonho de Iulana Romiszowska.

Enquanto os adolescentes se organizam num círculo ao redor dos dois, o estrangeiro cochicha em inglês no ouvido do sr. Shibata:

— Não entendo o sentido disso.

— Entender? Não é para entender.

— Você nunca questionou esses serviços?

— Não.

— Por quê?

— Você não tem um mecenas que te sustenta? Pois eu também, e tenho que fazer o que o senhor Okuda me ordena. E faria mesmo que ele não me pagasse nada. — O sr. Shibata, pela primeira vez, eleva o tom de voz para seu jovem professor.

O sr. Shibata bate palmas para encerrar o burburinho que ganha espaço na sala. Os jovens endireitam as costas e se calam todos de uma vez. O professor

da Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji passa o indicador e o dedão em gancho pelo bigode fino, a penteá-lo para os lados, apoia a mão direita cerrada na cintura e ordena que todos os garotos, adolescentes invisíveis de classe média baixa, vestidos com casacos de capuz e tênis de cano alto, abaixem as calças.

O silêncio no ambiente alcança outro tom, um ou outro jovem se entreolha. O sr. Shibata volta a bater a palma das mãos:

— Vamos, seus imprestáveis! Eu não tenho tempo! Vocês não querem dinheiro?

Quando todos já têm as calças e cuecas na altura dos joelhos, o sr. Shibata respira fundo, aproxima o rosto, fecha os olhos e começa a inspecioná-los.

Você, Kazumi, sai do trabalho e volta para casa pisando forte pelas calçadas. É noite e o barulho das botas contra a pedra aumenta a sua presença na rua escura. Você sempre gostou de ocupar um espaço maior do que você mesma e, como dançarina e acompanhante, conhece os artifícios para isso.

Acima do seu caminho há um viaduto e agora é o último trem que passa sobre ele. Você, guiada pela luz da lua e pela sombra dos postes, encena seu texto para o vazio por alguns quilômetros, até que, na passagem para o templo de Hanazono, um corredor escuro com portais de madeira e lanternas vermelhas, avista um grupo de jovens reunidos em torno de uma fogueira de lixo. Eles são adolescentes de classe média baixa, invisíveis durante o dia, vestidos com casacos de capuz e tênis de cano alto. Ao passar por eles, você nota que eles não olham para você.

É como se você fosse invisível para eles, Kazumi.

Alguns metros adiante, você sente um baque nas canelas que arremessa seu corpo para a frente numa rápida trajetória até que seu rosto afunde numa poça d'água na calçada. Você pensa: minha roupa, suja. Depois pensa: como eu caí? Ao abrir os olhos, você vê meia dúzia de pés calçados. Você pensa em pedir ajuda para se levantar, mas ouve um som abafado. Você abraça seu corpo. Depois dos primeiros choques, você não distinguirá mais a origem de cada um dos focos de dor.

Se você proteger o rosto com as mãos, deixará o resto do corpo vulnerável — e vice-versa. Você pensa em desistir. Depois de minutos (ou horas, você não saberia), você pensa: quero dormir para que acabe. Quero morrer para que acabe. Não vai acabar, Kazumi.

Você é posta de pé pelos cabelos e pela roupa, arrancada do chão como uma marionete. Os homens rasgam sua roupa com unhas afiadas. Despem

seus peitos e a primeira coisa que você pensa é: sou linda.

Eles concordam e avançam sobre você como bezerros famintos, mordendo e arranhando com os caninos seus mamilos rosados, seu pescoço exposto. Você é lambida por todos esses pequenos marginais, mais jovens do que você, invisíveis durante o dia, talvez alguns adolescentes, e você sente um alívio deslocado: por mais fortes que sejam os chupões, são mais fracos do que o toque do bico dos sapatos no bico dos seus seios. Você pensa em reagir e fugir dali, mas seus pés não alcançam o chão, seus braços só alcançam o ar. Você é um pombo preso dentro de uma sala espelhada, debatendo-se contra as paredes.

Agora você ouve uma sirene e abre os olhos com dificuldade, o suficiente para ver uma faixa de luz azul girando pelos prédios, colunas e dragões de pedra que abrem caminho para o templo de Hanazono. Você percebe um carro de polícia chegando lentamente. Você tenta gritar e não consegue. As mãos que aprisionam seu corpo a largam no chão: emudecem os gritos dos homens e o som do alarme. Os policiais param o carro e olham para você. Eles sorriem, Kazumi.

Os pneus da viatura dão um ganido agudo e levam o carro, sua sirene e a luz azul para longe dali.

Os braços que aprisionam você ganham novo impulso e voltam a tirar seus pés do chão. Agora você é carregada para uma grande caixa de lixo. Você sente seus pés gelados e pensa: perdi meus sapatos. Você sente suas pernas descobertas e pensa: minha saia. Você sente um arrepio entre as pernas.

Os homens estão secos, não mais do que você. O caminho é difícil e, no início, irritados com a dificuldade, eles batem no seu rosto. Você não sente nada, mas escuta o som estalado dos tapas, mais alto do que os gemidos incompreensíveis, fonemas misturados, consoantes em choque. Um deles segura seus dois braços por trás, enquanto outros dois agarram suas pernas que se sacodem em tremores pálidos. Enquanto um avança pela frente, os outros meninos em gestos rápidos abaixam a calça (você ouve o zunido dos zíperes) e esfregam nacos de carne quente no seu rosto, untando a sua pele com uma mistura de suores. Você tenta identificar as origens dos cheiros e

gostos, e pensa: o mais novo é doce, o gordo é salgado. Todos são amargos.

Você é virada e agora avançam pelas suas costas. Seu rosto jorra pelo nariz, gengiva e supercílios: uma poça rubra ganha o chão, galhos secos de uma árvore ocre impressos nas pedras do caminho para o templo. De tempos em tempos, você sente ondas de calor escorrendo entre as pernas, peitos, dentro dos olhos — grudando seus cílios e embaçando mais ainda a sua visão.

Você pensa: devo estar morta. Porque manipulam você, Kazumi, como se corta, vigia e toca um cadáver: como se despe e como se veste o corpo desvelado de um morto. Você sente como se pendurassem suas entranhas em cabides à exibição, analisadas por mãos curiosas e infantis, como se assistisse junto aos vivos sua própria necrópsia nos monitores da Sala do Periscópio ou mesmo numa tela de cinema a exhibir corredores de vísceras do seu corpo morto.

Mas você não está morta. Você não tem essa permissão, Kazumi.

E então sente uma vertigem num ponto central das suas entranhas e se deixa cair como uma criança. É quando você começa a gostar de estar ali.

Uma grande quantidade de tempo passou fora desse apartamento desde que me tranquei aqui.

Voltar a *agir* seria regar o oceano com um conta-gotas. Ainda assim, nas últimas semanas tenho sentido uma presença estranha, como a vibração de uma TV fora do ar por trás de uma porta entreaberta.

Não sou um *hikikomori*, um desses vagabundos sustentados pelos parentes que são acordados de oito em oito horas com batidas na porta e um prato de comida no chão. Estou realmente só, e muito morto. Os outros também já estão mortos, presos no futuro em fotos no fundo de alguma gaveta ou pasta de computador quebrado.

Nossa diferença é que *eu* já sei disso.

Depois do sumiço da estrangeira e da solução que encontrou para Kazumi, meu pai parou de me procurar. Trancou-se em casa (um hábito familiar) acompanhado da boneca Yoshiko. Imagino que o venerável sr. Okuda ainda não tenha morrido, ou os jornais já teriam batido à minha porta para incrementar uma nota necrológica que já deve estar escrita há pelo menos vinte anos.

Penso nisso tudo, depois de tanto tempo, porque o telefone agora toca, continua a tocar, e agora outra vez, e cada toque me faz lembrar que existe outro tempo fora das fronteiras desse apartamento.

— Shun?

A voz de Iulana Romiszowska soa como um ralo que se destampa dentro da minha cabeça. Antes que eu possa articular alguma forma de dizer que sua sobrevida me ofende, Iulana começa a contar que a dançarina Kazumi acabou de morrer, depois de meses ligada a aparelhos, e que a polícia não quis lhe dar nenhuma informação e praticamente a expulsou a pontapés da delegacia.

Pergunta se eu não li a notícia do espancamento nos jornais.

Digo que não leio nada há tempos e me calo.

— Liguei porque precisava da sua ajuda.

— Para quê?

— Mexendo nas coisas de Kazumi no apartamento, achei uma série de bilhetes curtos, todos escritos no mesmo papel de carta. Ela recebeu um desses papéis na noite em que foi agredida. Você sabe de quem estou falando, não?

— ...

— Ela também recebia muitas ligações do senhor Okuda no meio da madrugada. Acho que ele a pagava para nos espionar.

— Por que você ainda não entregou isso à polícia?

— Eles disseram que se eu voltasse a incomodar iriam me deportar. Estou ilegal. E com medo, porque o telefone voltou a tocar no meio da noite.

— Você atende?

— Sim. E o seu pai só diz uma coisa.

— O quê?

— “Onde está a sua pergunta? Eu sou uma resposta esperando pela sua pergunta.”

— Velho desgraçado.

— E depois desliga, porque não consigo dizer nada. Eu só não quero que aconteça comigo, Shun.

Marcamos um encontro na imitação ordinária de Dunkin’ Donuts perto da estação de Shinjuku. É curioso o efeito de sair na rua depois de tanto tempo em casa: sou um expedicionário. Minhas pernas e olhos doem, os caminhos se confundem, ainda que todos levem ao mesmo lugar. Os seres humanos dessas ruas me causam um sincero asco: são sujos, feios, incapazes, ávidos, grosseiros, mesquinhos. Para evitar contato com meus semelhantes, visto luvas e uma máscara antipólen. Ergo meu traje de escafandro e com ele navego pelas águas imundas agora esquecidas pelo submarino.

A estrangeira me parece tão desbotada quanto a luz dos prédios e a cor dos outros seres humanos. Não conheço as roupas que veste, me parecem novas,

mas ainda conheço bem a forma angular dos seus peitos, o halo claro dos mamilos, a brancura da nuca no lugar onde começam seus cabelos, uma expressão de assombro, um sorriso, um jeito de esparramar o corpo quando dorme, o timbre da sua voz noturna chamando meu nome. Ainda assim, sei que perdi algo fundamental e inominável sobre essa nova mulher. Algo que a faz uma total desconhecida sentada na minha mesa.

Pede um *croissant* e um espresso duplo. Engole tudo sem modos, como um bicho faminto. Aqui há apenas uma família de chineses e nós dois. Tenho a estranha impressão de me ver de fora, numa foto, sentado com a estrangeira. Fora do quadro são onze da noite de um domingo e o café está semivazio. Os atendentes são outros. Os antigos, que nos conheciam e silenciosamente torciam por mim durante as longas tardes de espera, devem ter arrumado coisa melhor ou, com sorte, desistido de Tóquio — o mundo seguiu seu curso à nossa revelia. Outra coisa que já temos em comum com os mortos.

Antes que eu ceda à tentação de perguntar o que a polonesa-romena andou fazendo nos últimos meses, e com quem, ela coloca os bilhetes na mesa. Não preciso ler nada para saber que são do meu pai. Não me impressiona a irresponsabilidade do velho em enviar correspondência em papéis de carta personalizados à dançarina Kazumi, a quem iria fazer desaparecer com a encenação de um estupro.

— Shun, o que eu faço com isso? Se você não me ajudar, vou entregar aos homens do clube hoje mesmo.

Na hora marcada, eu e Iulana pegamos o metrô sob os olhares enviesados da multidão — imaginam que Iulana é uma daquelas modelos russas que terminam como putas no Japão, e eu um *salaryman* com paladar exótico. Entramos no sexto vagão e tomamos o lugar escolhido, sob uma pequena marcação em fita crepe no teto. Na nossa frente, um adolescente muito concentrado digita algo num telefone. Do outro lado, um casal de velhos joga sudoku em dupla. Os monitores de cristal líquido anunciam produtos, as próximas estações, as condições meteorológicas.

O trem para.

A paisagem que vemos pela janela deixa de ser um desconjunto de traços horizontais para se congelar em contornos iluminados por trás da chuva. Ao lado do pontilhão por onde passa a linha Yamanote do metrô, há uma muralha de edifícios e galerias comerciais. No topo de tudo, um grande outdoor anuncia sopa em tubos de neon. O único conjunto de janelas sem cortinas fechadas ou vidros escurecidos é o do quinto andar do edifício curvo à direita. Ali, um grupo de pequenas bailarinas ensaia uma coreografia no centro da sala, enquanto outras alongam as pernas numa barra de metal. O movimento das meninas é tão *puro* que penso em cutucar o seu ombro e compartilhar as bailarinas com você.

Mas isso nunca acontecerá, porque o trabalho do sr. Suguro Shibata, professor da Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji, e dos seus pupilos dará certo. E o caminho da minha mão até o seu corpo será interrompido pela explosão.

O estrondo começa com uma nota aguda na frente do carro que nos atravessa como uma katana afiada. À medida que o impacto avança pelas cadeiras e seres humanos, o grunhido do metal distorcido ganha um tom

grave. A alteração é súbita: onde antes havia sentido de continuidade e ordem, agora há entropia. O primeiro a ser capturado pela onda de choque é um adolescente que digita algo num telefone. A seu lado, um calombo cinzento perto da porta que conecta os vagões surge e acumula forças, como um peixe guardando ar, para logo depois explodir, expondo garras afiadas que tomam o jovem pelo tronco, perfurando seu corpo. Numa rápida guinada, os dentes de metal o levam até o teto. O sangue do rapaz espirra no rosto do casal de velhos sentados à frente. Antes que tenham tempo de reagir, são engolidos por uma parede sólida que toma a parte esquerda da composição.

Entre os grunhidos metálicos da explosão, ouço uma gargalhada e um pigarro. É o sr. Lagosta Okuda, que nos observa satisfeito através dos monitores da Sala do Periscópio.

Essa gelatina de restos humanos, pedaços de ferro e plástico registrada pelas câmeras avança aos poucos, acumulando outros corpos e objetos, num ciclone cor de chumbo com franjas vermelhas. O grunhido metálico se une ao estalar dos crânios.

São como uvas maduras, Iulana.

O piso da composição se retorce, seu teto se transforma numa ladeira íngreme. E agora somos nós que começamos a alçar voo, suspensos pelo chão, capturados por uma onda prestes a rebentar. Os apoiadores de braço balançam como se estivéssemos num terremoto, os monitores de cristal piscam erráticamente antes de serem sugados pelo vórtice de destruição.

As coisas estão acontecendo. Agora, Iulana.

Logo, não ouviremos mais nada. Só haverá silêncio e frio quando o caos ganhar a metade do vagão. A onda está quase em nós. O “acidente”, como *eles* chamarão o que acontece aqui. Sinto-me superior, posso dizer assim, porque *eles* jamais saberão os motivos desse orquestrado evento. *Eles*, que agora entram e saem de Tóquio em trens iluminados, e que são ingeridos, processados e expelidos todos os dias pelos canais desse animal de concreto e eletricidade. *Eles*, que ignoram completamente o que acontece aqui enquanto ganham elevadores, calçadas, túneis, escadas rolantes, esteiras automáticas, plataformas, os longos corredores subterrâneos das estações, e que não

interromperão seu perpétuo movimento com a nossa pequena tragédia. *Eles*, que talvez em algumas horas saibam da nossa história, o acidente”, como chamarão o que acontece agora, e que ficarão comovidos e temerosos ao ver a nossa notícia na televisão da cozinha enquanto tomam café amanhã cedo — e confesso que ‘amanhã’ já me parece uma palavra e uma ideia absurda. *Eles*, que vão pensar na morte por um breve instante para depois esquecer o assunto e voltar a andar pelas ruas até os seus trens, como se nós não os aguardássemos em algum ponto fixo e vazio do futuro. *Eles*, que jamais poderão compreender tudo o que acontece aqui. Porque há algo nesse vagão que é irreproduzível e sublime.

Ainda assim, tentarão passar a história adiante. Imagino as manchetes do jornal, talvez a fotografia dos restos de Iulana mesclados na linha. Pouco sobrar, terão que fazer exames de DNA em pequenos pedaços de carne e ossos calcinados. Me imagino remexendo o seu cadáver, como um desses funcionários, e penso que eu seria incapaz de trabalhar com medicina legal — até agradeço pelo emprego miserável que tive nos últimos anos.

E penso em você, Iulana Romiszowska, em seus dedos grossos e panturrilhas sólidas, e no longo caminho que todas as partes do seu corpo percorreram da Polônia à sua infância na cidade portuária de Constanta, à beira do mar Negro, na Romênia, até que seus olhos grandes, redondos e azulados encontrassem o monstro iluminado de Tóquio, e, não sem espanto, a mim mesmo — e apenas gostaria que nesse momento você também pensasse em mim, sabe lá como.

Sinto uma paz estranha, Iulana.

Como se estivesse mergulhado sob a superfície de algo novo. Sei que quase já não estou aqui, o que me traz uma sensação de nostalgia imediata, como se estivesse reconstruindo um sonho, caminhando no meio de um longo *déjà vu* ao mesmo tempo que o caos disforme de aço e carne moída galopa em silêncio na nossa direção. O escuro se apropria de tudo, como se tomasse de volta algo que sempre foi seu.

É tudo muito natural, Iulana.

Vemos essa onda com calma indiferença, apesar da certeza do fim próximo

— ou por causa dela.

Quando você finalmente vira seu pescoço para mim, nossos olhos se encontram num ponto vazio. E antes que eu tenha tempo de tocar seu ombro para compartilhar as bailarinas que dançam com vestidos brancos no quinto andar do edifício curvo à direita, abaixo do grande outdoor que anuncia sopa em tubos de neon em contornos iluminados por trás da chuva, antes que o silêncio tome conta dos seus olhos, você ainda terá tempo de dizer o meu nome, pela última vez você dirá o meu nome, Iulana Romiszowska, pela última vez o meu nome com a sua voz noturna.

As gotas da chuva estalam sobre o telhado e o tapete de flores mortas no chão. Os corvos buscam abrigo na copa das cerejeiras nuas. Na entrada do jardim, eu e o sr. Lagosta Okuda observamos em silêncio o contorno do cadáver incinerado de Iulana Romiszowska, retirado da cena do acidente no ano passado pelos meninos do sr. Suguro Shibata, professor da Associação do Fugu Harmonioso de Tsukiji.

— Aquela grama queimada vai demorar para ganhar cor — meu pai diz, como se falasse do clima. E resmunga que, depois da explosão, o sr. Shibata demitiu-se, e agora ele não tem mais ninguém para cuidar do submarino nem do jardim. — É verdade que você está de volta. Mas agora além de estorvo é um aleijado.

O sr. Okuda Crustáceo aponta seus olhos esbugalhados para mim de cima para baixo — depois de nove meses no hospital, a metade do meu corpo que ainda funciona equilibra-se sobre uma cadeira de rodas. Meu pai grunhe para mim, o que significa que devo entrar. Será a primeira vez em catorze anos que vou cruzar essa porta.

— Hoje quem vai cortar o fugu de boas-vindas é Yoshiko. Você vai gostar de conhecê-la — ele diz.

Copyright © 2010 by J. P. Cuenca



Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A coleção Amores expressos foi idealizada por RT/ Features

Capa

Retina_78

Preparação

Maria Cecília Caropreso

Revisão

Veridiana Maenaka

Isabel Jorge Cury

ISBN 978-85-8086-493-9

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

J.P. CUENCA

CORPO PRESENTE


COMPANHIA DAS LETRAS

Corpo presente

Cuenca, J. P.

9788580868135

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Tragado pelas noites, ofuscado pelo sol, o protagonista vive um presente contínuo e tenso em busca de sentimentos para sempre perdidos num mundo cínico demais, violento demais, sexualizado demais. Idealista a seu modo, busca a pureza lambuzando-se com as precariedades que a vida lhe oferece. Tal como os números primos que encimam os fragmentos do texto, os personagens de Corpo presente são divisíveis por eles mesmos e por um. O que João Paulo Cuenca propõe é um jogo de identidades sem vencedores ou perdedores, mas com uma regra rígida, a da escrita como forma de enfrentar a vida. "O texto literário não é apenas o relato de uma experiência prévia; ele é a própria experiência. Corpo presente, de João Paulo Cuenca, está dizendo isso o tempo todo. " - Bernardo Carvalho"Li Corpo presente de uma só vez. Fiquei muito encantado com a maturidade do texto. Escrito de forma precisa, vigorosa e sempre com muita paixão. Fazia tempo que uma narrativa não me impressionava tanto. É um grande livro. " - Marçal Aquino"Há um novo autor de que gosto muito, o João Paulo Cuenca" - Chico Buarque"Corpo presente é um livro 'deslumbrante'. João Paulo Cuenca é um autor jovem com uma semântica bem elaborada.

Explora Copacabana e seus personagens no limite. ” - Marcelo Rubens Paiva"O autor marca sua diferença em relação a outros escritores de sua geração, impondo ao texto uma personalidade impressionante para um romance de estreia. ” - Jornal do Brasil

[Compre agora e leia](#)

MILLENNIUM

4

A GAROTA NA TEIA DE ARANHA

DAVID LAGERCRANTZ

CONTINUAÇÃO DA SÉRIE DE
STIEG LARSSON

LISBETH
está de
volta


COMPANHIA DAS LETRAS

A garota na teia de aranha

Lagercrantz, David

9788543803753

560 páginas

[Compre agora e leia](#)

Lisbeth Salander e Mikael Blomkvist estão de volta na aguardada e eletrizante continuação da série Millennium. Neste thriller explosivo, a genial hacker Lisbeth Salander e o jornalista Mikael Blomkvist precisam juntar forças para enfrentar uma nova e terrível ameaça. É tarde da noite e Blomkvist recebe o telefonema de uma fonte confiável, dizendo que tem informações vitais aos Estados Unidos. A fonte está em contato com uma jovem e brilhante hacker – uma hacker parecida com alguém que Blomkvist conhece. As implicações são assombrosas. Blomkvist, que precisa desesperadamente de um furo para a revista Millennium, pede ajuda a Lisbeth. Ela, como sempre, tem objetivos próprios. Em A garota na teia de aranha, a dupla que já arrebatou mais de 80 milhões de leitores em Os homens que não amavam as mulheres, A menina que brincava com fogo e A rainha do castelo de ar se encontra de novo neste thriller extraordinário e imensamente atual.

[Compre agora e leia](#)



Tá todo mundo mal

Jout Jout

9788543805863

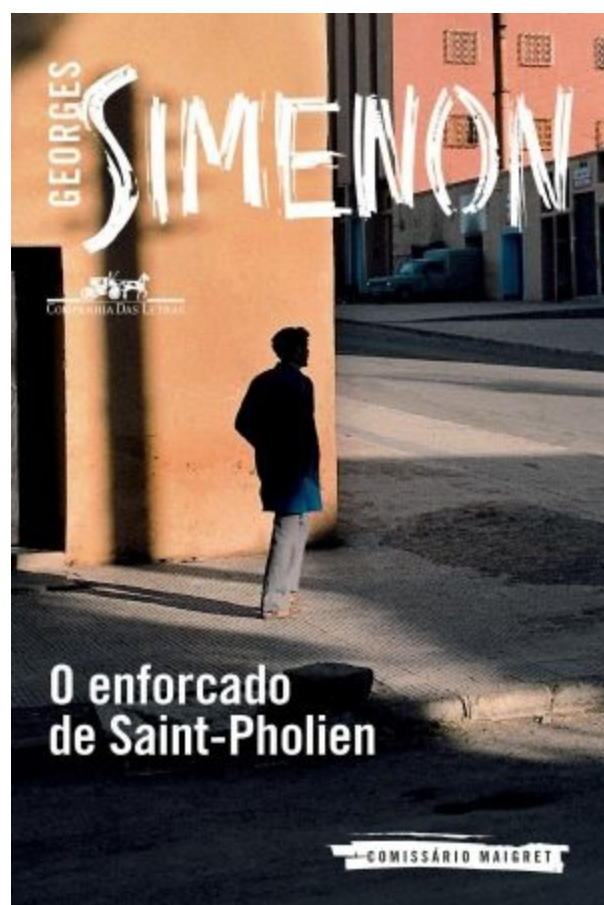
200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Do alto de seus 25 anos, Julia Tolezano, mais conhecida como Jout Jout, já passou por todo tipo de crise. De achar que seus peitos eram pequenos demais a não saber que carreira seguir. Em "Tá todo mundo mal", ela reuniu as suas "melhores" angústias em textos tão divertidos e inspirados quanto os vídeos de seu canal no YouTube, "Jout Jout, Prazer".

Família, aparência, inseguranças, relacionamentos amorosos, trabalho, onde morar e o que fazer com os sushis que sobraram no prato são algumas das questões que ela levanta. Além de nos identificarmos, Jout Jout sabe como nos fazer sentir melhor, pois nada como ouvir sobre crises alheias para aliviar as nossas próprias!

[Compre agora e leia](#)



O enforcado de Saint-Pholien

Simenon, Georges

9788580869934

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

Maigret inadvertidamente causa o suicídio de um homem, mas seu remorso motiva a descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem desesperado a se matar. O que primeiro vem à mente quando se fala em Georges Simenon são os números: ele escreveu mais de quatrocentos livros, que venderam mais de 500 milhões de exemplares e foram traduzidos para cinquenta idiomas. Para o cinema foram mais de sessenta adaptações. Para a televisão, mais de 280. Simenon foi um dos maiores escritores do século XX. Entre seus admiradores, figuravam artistas do calibre de André Gide, Charles Chaplin, Henry Miller e Federico Fellini. Em meio a suas histórias policiais, figuram 41 "romances duros" de alta densidade psicológica e situados entre as obras de maior consistência da literatura europeia. Em O enforcado de Saint-Pholien, Maigret está em viagem para Bruxelas. Por acidente, o comissário precipita o suicídio de um homem, mas seu remorso é ofuscado pela descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem à decisão extrema de se matar.

[Compre agora e leia](#)

AFONSO CRUZ

FLORES

ROMANCE


COMPANHIA DAS LETRAS

Flores

Cruz, Afonso

9788543805856

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma história inquietante sobre o amor, a memória e o que resta de nós quando perdemos nossas lembranças.

Um homem sofre muito com as notícias que lê nos jornais, com todas as tragédias humanas a que assiste. Um dia depara-se com o fato de não se lembrar do seu primeiro beijo, dos jogos de bola nas ruas da aldeia ou de ver uma mulher nua. Outro homem, seu vizinho, passa bem com as desgraças do mundo, mas perde a cabeça quando vê um chapéu pousado no lugar errado.

Contudo, talvez por se lembrar bem da magia do primeiro beijo — e constatar o quanto a sua vida se afastou dela —, o homem decide ajudar o vizinho a recuperar todas as recordações perdidas. Em seu livro mais recente, o português Afonso Cruz apresenta uma bela reflexão sobre o amor e a memória.

[Compre agora e leia](#)